

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ADMINISTRATIVAS

KEILA KLEIN AURÉLIO

TRANSMISSÃO RELIGIOSA NA FAMÍLIA CATÓLICA:

Fatores internos e externos de motivação

Porto Alegre

2019

KEILA KLEIN AURÉLIO

**TRANSMISSÃO RELIGIOSA NA FAMÍLIA CATÓLICA:
Fatores internos e externos de motivação**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Departamento de Ciências Administrativas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Administração.

Orientador: Prof^a Dr^a Daniela Callegaro de Menezes

Porto Alegre

2019

“Compreendi que os membros da Igreja são impelidos a agir por um único amor, de forma que, extinto este, os apóstolos não mais anunciariam o Evangelho, os mártires não mais derramariam o sangue. Percebi e reconheci que o amor encerra em si todas as vocações, que o amor é tudo, abraça todos os tempos e lugares, numa palavra, o amor é eterno.

Então, delirante de alegria, exclamei: Ó Jesus, meu amor, encontrei afinal minha vocação: minha vocação é o amor. Sim, encontrei o meu lugar na Igreja, tu me deste este lugar, meu Deus. No coração da Igreja, minha mãe, eu serei o amor e desse modo serei tudo, e meu desejo se realizará.”

Santa Terezinha do Menino Jesus e da Sagrada Face

RESUMO

O Brasil tem registrado nos últimos anos uma diminuição no número de católicos e a literatura aponta para um processo de destradicionalização e enfraquecimento da fé dentro da família. Uma vez que a família é tida como o principal grupo de referência para uma pessoa, no campo do marketing, e para a Igreja Católica é o principal agente de transmissão da fé, procuramos explorar esse fenômeno social da transmissão da religião através deste ambiente. Para isso, podemos estudar a motivação que os pais têm em participar da Igreja e em transmitir a fé aos seus filhos. Com o objetivo de encontrar os fatores internos e externos que influenciam na motivação dos pais, realizamos uma pesquisa em 2 etapas: uma qualitativa com entrevistas e uma quantitativa com um questionário. A pesquisa confirmou alguns fatores encontrados na literatura, incluindo que os pais percebem benefícios ao aderirem à fé e desejam os mesmos benefícios para seus filhos. Além disso, fatores que são relevantes para a transmissão da fé são a união da família e o exemplo de comportamento dos pais. Visto que os pais percebem o papel da Igreja complementar ao seu na educação religiosa dos filhos, a Igreja tem de fortalecer as famílias, auxiliando os pais no processo de educação religiosa, fornecendo subsídios e apoio. Como os grupos e pastorais são importantes meios de aprofundamento da fé e engajamento com a Igreja, ela deve também promover estes grupos nas comunidades, suprindo e complementando o trabalho dos pais.

Palavras-Chave: Motivação. Comportamento do consumidor. Igreja Católica. Transmissão religiosa. Família.

ABSTRACT

Brazil has in recent years registered a decrease in the number of Catholics and the literature points to a process of detraditionalization and weakening of faith within the family. Since the family is regarded as the main reference group for a person in the field of marketing, and for the Catholic Church is the main agent of faith transmission, we seek to explore this social phenomenon of the transmission of religion through this environment. For this, we can study the motivation that parents have to participate in the Church and transmit the faith to their children. In order to find the internal and external factors that influence the parent's motivation, we conducted a research in two phases: a qualitative with interviews and a quantitative with a questionnaire. The research confirmed some factors found in the literature, including that parents perceive benefits in adhering the faith and want the same benefits for their children. In addition, factors that are relevant for the transmission of faith are the union of the family and the example of parental behavior. Since parents realize the Church's complementary role in the religious education of their children, the Church has to strengthen families by assisting parents in the religious education process by providing materials and support. As groups and apostolates are important ways of deepening faith and engaging with the Church, it should also promote these groups in communities, complementing the work of parents.

Key words: *Motivation. Consumer behavior. Catholic Church. Religious transmission. Family.*

SUMÁRIO

RESUMO.....	4
ABSTRACT	5
1 INTRODUÇÃO.....	7
1.1 Objetivo Geral	11
1.2 Objetivos Específicos	11
1.3 Justificativa.....	12
2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	13
2.1 Grupos de Referência	13
2.2 Motivação na ciência da religião	15
2.3 Relação entre os conceitos de Motivação e de Necessidades	18
2.4 Necessidades, desejos e instintos no âmbito teológico	21
2.5 Transmissão religiosa no ambiente familiar	24
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	27
3.1 Etapa 1: entrevistas em profundidade.....	27
3.2 Etapa 2: questionário online.....	30
4 ANÁLISE DOS RESULTADOS DA ETAPA QUALITATIVA	32
4.1 A tradição de gerações.....	32
4.2 Quebra no papel familiar	35
4.3 Próxima geração da transmissão.....	38
4.4 Sementes: o que os pais estão plantando	39
4.5 Influenciadores externos	42
4.6 Motivação interna.....	44
4.7 Papel da Igreja na educação dos filhos.....	48
5 ANÁLISE DOS RESULTADOS DA ETAPA QUANTITATIVA	52
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	63
REFERÊNCIAS.....	69
APÊNDICE A.....	72
APÊNDICE B.....	73

1 INTRODUÇÃO

A Igreja Católica é uma instituição, uma organização que reúne pessoas numa comunidade. Assim, para que a instituição cumpra o seu papel e se perpetue, precisa de membros, pessoas que se engajam e aderem à organização, a sua cultura e ao sistema de normas e valores. Como reunião de pessoas, também faz parte do escopo de estudo da Administração, pois, dentro da sua missão, deve pensar em formas de atingir mais participantes, mais fieis, ou seja, a sua forma de evangelização, educação e transmissão, o que para a Administração chamaríamos de estratégia.

Porém, tomando como base alguns indicadores históricos, podemos notar que se impõem algumas dificuldades neste processo, especificamente nas últimas décadas. Os dados nos mostram uma diminuição de católicos, tanto no Brasil como no mundo todo e cabe aos cientistas interpretar esses números, compreendê-los e encontrar causas e consequências. O contexto de religião é um fenômeno social que pode ter diversas bases. Aqui procuraremos explorar as bases que este fenômeno tem no ambiente familiar.

Conforme o Anuário Pontifício 2019, com dados do Annuarium Statisticum Ecclesiae de 2017, o número de batizados católicos subiu 1,1% em todo o mundo naquele ano, uma porcentagem um pouco inferior que o crescimento da população mundial. São 17,7% de católicos no mundo. Mas, apesar de crescer, a população católica não acompanha a total, o que leva a uma diminuição em termos relativos. Além disso, o número de sacerdotes diminuiu, passando de “414.969 em 2016 para 414.582 em 2017” (DONNINI; JOSÉ, 2019), e também o número de seminaristas, que teve seu pico em 2011 e passou a cair desde então, além do número de religiosas (ANUÁRIO PONTIFÍCIO 2017 REVELA OS DADOS DA IGREJA NO MUNDO, 2017). 48,8% dos católicos estão no Continente Americano e, na América do Sul, a porcentagem de católicos relativa à população total é de 86,6%.

O Brasil, apesar de continuar sendo o país com o maior número de católicos no mundo, conta uma história diferente. O declínio de católicos vêm sendo mostrado

nos últimos censos do IBGE. Começou com um declínio percentual e, no último censo (2010), houve também um declínio absoluto. Antoniazzi (2004) fez uma análise desses dados históricos, mostrando que a diminuição percentual iniciou lenta no Censo de 1980 (90% dos brasileiros) e foi acelerando nas décadas seguintes, com 83,3% da população brasileira em 1991 e 73,9% no ano 2000 (ANTONIAZZI, 2004). No último Censo divulgado, o de 2010, a população brasileira católica ficou em 64,6% (OLIVEIRA, 2012, p. 5), 123,3 milhões de pessoas, em 2010 (STEIL; TONIOL, 2013).

Especificamente na Diocese de Novo Hamburgo (Rio Grande do Sul), região onde será realizado o presente trabalho, a população católica era 70,2% em 2016. Apesar de ainda ser uma porcentagem mais alta que a média nacional, a região também apresenta diminuição de católicos, tendo seu pico em 2002, com 877.300 pessoas, 81,8% da população na época (NOVO HAMBURGO (LATIN (OR ROMAN) DIOCESE), 2018). Mesmo assim, o número de paróquias continuou crescendo, sendo 49 atualmente, assim como o número de sacerdotes, que soma 143 entre padres religiosos e padres diocesanos, o maior número até então, diferentemente da realidade mundial. Podemos comparar esses dados com a análise de Steil e Toniol (2013) que, olhando para os dados nacionais, concluíram que se revela “uma crise do catolicismo, e não da Igreja Católica enquanto instituição” (STEIL; TONIOL, 2013, p. 11), pois a estrutura da Igreja cresce, enquanto a quantidade de participantes decresce.

Além disso, os dados também apontam para uma diminuição mais acelerada entre a população jovem, de 0 a 24 anos (OLIVEIRA, 2012, p. 5), fortalecendo o argumento de que nas próximas gerações o catolicismo vai diminuir ainda mais. Dois temas relacionados à falta (e diminuição) da prática religiosa católica são o sincretismo, ou “múltipla pertença” (TEIXEIRA, 2013, p. 3) e os “sem religião” (14,5 milhões de pessoas, 8% da população brasileira em 2010). São pessoas que possuem a fé, mas que não praticam e/ou não conhecem a doutrina ou não possuem ligação com uma única religião, mas transitam entre cultos e expressões diferentes. Uma teoria é que aqueles que se declaram sem religião são batizados evangélicos que não estão participando no momento, uma situação que não

acontece com o grupo de católicos, pois estes, mesmo sem praticar a religião, se denominam como participantes.

Portanto, nestes 64,6% de brasileiros católicos se incluem também aqueles que transitam entre cultos e religiões (por exemplo, é batizado católico mas frequenta concomitantemente o espiritismo) e aqueles que, no momento, seriam “sem religião”, por não participarem de Missas e outras práticas, apesar de batizados na Igreja Católica. “Se essa hipótese estiver correta, estamos a anos-luz da noção do “católico nominal”, quando a falta da prática religiosa pouco interferia na autodeclaração do entrevistado” (MAFRA, 2013, p. 9). Essa reflexão também aparece no trabalho de Manning (2013), quando mostra que muitos que são nominalmente ateus poderiam ser considerados espirituais conforme as suas práticas, enquanto muitos cristãos nominais não o são no seu dia a dia, pois não possuem práticas e/ou crenças religiosas.

Para que possamos bem compreender a dinâmica dessa realidade que vêm crescendo – católicos diminuindo e, dentro desse número, religiosos apenas nominais (sem vivência) aumentando – é preciso buscar as causas no seio da transmissão religiosa, da cultura e identificação religiosa, que acontece na família, e os motivadores da continuação ou não desse comportamento de transmissão. Os dados mostram que as famílias estão quebrando a transferência da tradição religiosa, deixando de ensinar a fé, seus valores e práticas aos filhos ou, ainda, passando de forma superficial que não cria raízes e laço de pertencimento.

De fato, a família é o principal transmissor da fé e da adesão e comportamento religioso. Oliveira (2013) nos aponta a socialização primária para explicar isso, pois é a fase mais importante no que se refere às decisões que alguém fará em relação à participação religiosa ao longo de sua vida. “Em casa, com a família – principalmente a mãe ou a avó –, a criança aprende a praticar a religião do seu grupo social e assimila seus fundamentos doutrinários ao modo pré-reflexivo.” (OLIVEIRA, 2013, p. 7–8). O autor claramente explica, o que podemos ver na prática, que é necessário essa base anterior na família para que depois o ensino da doutrina na catequese tenha algum valor e obtenha sucesso.

Por isso, a Igreja Católica insiste que a educação constitui não só uma missão, mas um dever dos pais. O Catecismo da Igreja Católica, lembrando o

documento *Gravissimum Educationis* (PAULO VI, 1965), traz que “O papel dos pais na educação é tão importante que é quase impossível de substituir” (CIC, 2000, parag. 2221). Além de ser o lugar próprio para a “*educação das virtudes*”, de forma especial o Catecismo lembra da responsabilidade perante a educação na fé:

A educação para a fé por parte dos pais deve começar desde a mais tenra infância. Ocorre já quando os membros da família se ajudam a crescer na fé pelo testemunho de uma vida cristã de acordo com o Evangelho. A catequese familiar precede, acompanha e enriquece as outras formas de ensinamento da fé. Os pais têm a missão de ensinar seus filhos a orar e a descobrir sua vocação de filhos de Deus. (CIC, 2000, parag. 2226)

A família é o principal transmissor e educador da fé. Portanto, é indispensável o comportamento religioso dela para que seja possível a continuidade das religiões, aqui especificamente da religião Católica, e na educação ética e moral da sociedade. Isso deve acontecer tanto dentro de casa no âmbito familiar quanto nos outros ambientes onde acontecem a socialização. Assim como maior influenciadora, a família também tem maior importância e responsabilidade na educação dos filhos do que outros agentes sociais, ou seja, possui o primado na educação.

No documento *Mystici Corporis*, em seu número 19, encontramos novamente a importância do laço familiar e da educação religiosa. O papa Pio XII adverte que sem a educação religiosa pela família “o corpo místico (da Igreja Católica) correria perigo” (PIO XII, 1943). O papa já vislumbrava que a falta da transmissão da tradição religiosa, dos valores da fé e a educação dos filhos resultaria na diminuição de católicos, um perigo para o corpo místico da Igreja. Além de que abre espaço para que os próprios católicos, enquanto membros, embora continuem oficialmente na Igreja, não estejam de forma plena em união.

Para Steil e Toniol (2013) é a cultura que está se afastando do catolicismo, devido a um processo de *destraditionalização*. Comparando com um estudo realizado na França, os autores citam os elementos comuns com a situação brasileira, apontando

uma crise de transmissão do catolicismo no nível da cultura, *especialmente no seio das famílias* e das associações laicas, que foram importantes focos

de difusão dos valores católicos na França e nos continentes que eram identificados como territórios de missão (STEIL; TONIOL, 2013, p. 8 ênfase nossa).

Encontramos, então, um problema na transmissão da fé católica, principalmente numa educação basilar dentro da família. Percebemos, com a análise dos dados na literatura, que as famílias estão deixando de transmitir a fé, ou ainda, que transmitem de forma superficial, de forma que não cria vínculos e raízes a longo prazo nos filhos. Mas, por sua vez, como saber o que motiva, em primeiro lugar, os pais a aceitarem e legitimarem essa tarefa? Quais são os fatores que os motivam? Como se dá esse fenômeno de transmissão ou não transmissão dentro de casa? Na próxima seção vamos expor alguns trabalhos que podem servir-nos de guia na compreensão desta esfera da vida humana e familiar.

1.1 Objetivo Geral

Com base na anterior exposição do contexto em que este trabalho se encontra, o objetivo geral do trabalho fica definido como: identificar os fatores que motivam a transmissão religiosa da fé católica dos pais para os filhos.

1.2 Objetivos Específicos

Para alcançar o objetivo geral deste trabalho, definem-se os seguintes objetivos específicos:

- a) Identificar quais são os benefícios que as famílias buscam na participação e comportamento religioso;
- b) Verificar a importância que os pais dão para a religião na vida familiar;
- c) Identificar quais são os estímulos externos que levam à participação religiosa pelos pais;
- d) Verificar quais são os estímulos internos que motivam à participação religiosa pelos pais;

e) Identificar em quais situações os pais estão mais abertos, motivados, a participar com seus filhos na Igreja e ter vivência religiosa familiar;

1.3 Justificativa

Uma vez alcançados os objetivos acima descritos, será possível analisar e compreender as ações já propostas para atingir as famílias e as crianças na educação cristã, de modo a torna-las mais efetivas e condizentes com a missão da Igreja.

Além disso, servirá para se criar novas formas de realizar essa educação na fé, principalmente das crianças, mas também criar estratégias para melhor engajar os pais e as famílias na participação à comunidade. Neste processo, as paróquias e os líderes podem estar melhor preparados para acolher e apoiar os fiéis no que diz respeito aos desafios de uma educação verdadeiramente cristã. O bom entendimento do público se torna uma ferramenta de trabalho para quem planeja e organiza a vida de uma comunidade de fé.

Dentre as possibilidades que se abrem com este estudo estão engajar mais aqueles que já participam de alguma forma e acolher melhor os que participam pouco da comunidade, mas que não praticam no dia a dia e não possuem a convicção da fé em relação à doutrina. Apesar deste público ser pouco engajado, podemos saber que já mostraram interesse na religião e na participação da comunidade em algum nível, como através da participação nos sacramentos do Matrimônio e do Batismo (para os filhos).

Diante disso, é importante que o estudo seja apresentado aos interessados dentro da Igreja Católica e disponibilizado para posterior aprofundamento, buscando a geração desses resultados objetivados em uma ação mais propositiva e estratégica por parte dos líderes das comunidades e dos grupos.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

O marketing é utilizado para atender às necessidades e desejos dos consumidores e, para isso, devemos compreender exatamente quem são eles e como entendem o valor que lhes é proposto. Por isso, através do marketing precisamos conhecer tão bem os consumidores a ponto de, de certa forma, encaixar o que queremos oferecer com o que é esperado, ou melhor, antecipar-nos às expectativas deles. Na realidade da Igreja, a “oferta” é a própria fé, o relacionamento com a comunidade e com o próprio Deus e o crescimento e amadurecimento de vida.

O comportamento do consumidor, para Kotler e Keller (2012, p. 164), é o estudo “de como indivíduos, grupos e organizações selecionam, compram, usam e descartam bens, serviços, ideias ou experiências para satisfazer suas necessidades e desejos.” Neste caso que estudamos, não é correto falar de entregar o “valor adequado” para cada consumidor (o que seria o que cada um espera), mas sim *como* apresentar da forma correta para cada um o valor supremo que a Igreja já possui e oferece.

Blackwell et all (2009, p. 6) lembram que este estudo surgiu para responder o “*por que as pessoas compram/consomem?*” Traduzimos aqui para compreender por que as pessoas aceitaram a fé, em primeiro lugar? Por que continuam participando? E por que querem continuar transmitindo? Para aprofundarmos isso é necessário estudarmos a motivação que as pessoas têm na Igreja Católica, conforme nossos objetivos propostos.

2.1 Grupos de Referência

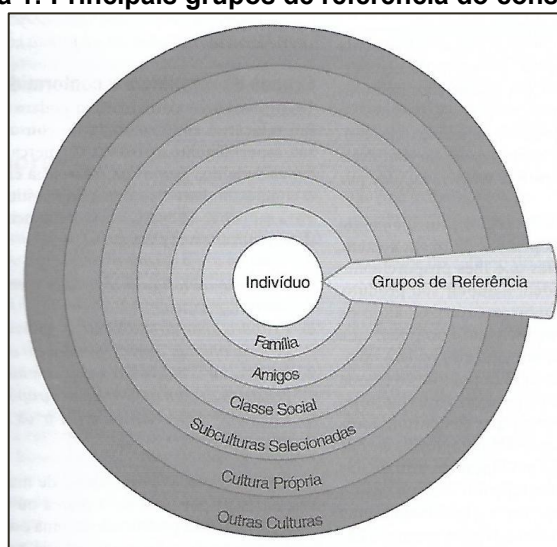
Antes de adentrar no conhecimento de “motivação”, é importante destacar a forma que o marketing explica essa realidade já descrita acima, que é o escopo do presente trabalho. A família é descrita como o principal grupo de referência quando se trata da socialização de uma pessoa, principalmente na infância. Schiffman e Kanuk (SCHIFFMAN; KANUK, 2015, p. 232) mostram que esse processo, para as

crianças pequenas, “geralmente engloba princípios morais e religiosos”, além de outros valores de comportamento para a vida em sociedade.

Um grupo de referência é qualquer pessoa ou grupo que sirva como ponto de comparação (ou de referência) para um indivíduo na formação de valores e atitudes gerais ou específicas, ou de um guia específico de comportamento (SCHIFFMAN; KANUK, 2015, p. 220).

Os autores descrevem, então, que para a educação referente ao comportamento de compra, é importante que os pais sejam um exemplo, levando os filhos junto ao mercado (processo de compra). No caso da transmissão religiosa, da mesma forma, e muito mais, a família serve de exemplo e deve acompanhar as crianças nas práticas da fé para que estas aprendam os valores de comportamento cristão. Os autores mostram os grupos de referência e a relevância deles em relação ao indivíduo, conforme Figura 1.

Figura 1: Principais grupos de referência do consumidor



Fonte: Schiffman; Kanuk (2015).

De fato, quanto mais os pais participam da sua igreja e quanto mais acreditam que a fé é importante, mais os filhos também participarão. Bader e Desmond (2006) encontram que a criança participa da igreja quanto mais seus pais participam, mas ela só terá maior frequência em oração e dará importância à religião se os pais discutem sobre a importância da religião. Quanto mais importante for a religião, mais a criança possui entendimento da Bíblia ser sagrada, assim como a doutrina. Os autores concluem que a consistência na fé, ou inconsistência, dos pais

em seus comportamentos e atitudes importa e se reflete no processo de transmissão religiosa. Por sua vez, os pais e também outros membros da família que servem de referência na educação, como irmãos mais velhos, avôs e tios, possuem suas próprias motivações e objetivos na educação humana, moral e religiosa das crianças.

Como a teoria de marketing tem sua base em outras ciências, como a sociologia e a psicologia, também encontramos nelas que os maiores influenciadores em questão de religião são a família e, especificamente, os pais (THIESSEN, 2016). A socialização primária que é feita por eles, conforme explica Thiessen (2016) são as primeiras experiências que uma criança tem em sua família. Já a socialização secundária vem de instituições, religião e escola, por exemplo. Quanto mais alguém é exposto à religião na infância durante sua criação maior será sua religiosidade ao longo de sua vida (MCCULLOUGH et al., 2005, p. 10). Em seu estudo no Canadá, Thiessen (2016) encontrou que os entrevistados repetiram (ou iriam repetir) com seus filhos a maneira como os seus pais os educaram relativamente à religião ou a falta dela, tornando claro que a educação familiar na infância deixa marcas para a vida toda.

2.2 Motivação na ciência da religião

Uma referência na ciência da religião que busca compreender a relação das pessoas com sua religião é o conceito de Orientação Religiosa, desenvolvido por Gordon Allport nas décadas de 1950 e 1960. Essa orientação pode ser extrínseca ou intrínseca, e é um melhoramento das definições de religião madura ou imatura do mesmo autor (KIRKPATRICK; HOOD JR, 1990). Os conceitos foram sendo trabalhados junto com o desenvolvimento de escalas e, na literatura, houve um certo empasse na construção dos modelos, se a orientação mediria a motivação do indivíduo em relação à religião, se mediria a personalidade do indivíduo ou um seu “estilo cognitivo” (KAHOE, 1977, p. 198; KIRKPATRICK; HOOD JR, 1990, p. 3), devido a uma composição de construtos de crença, de comportamento e de motivação (GORSUCH, 1994, p. 316). Porém, para o escopo deste trabalho, vamos utilizar o conceito da orientação religiosa no sentido de motivação.

A orientação extrínseca é definida como sendo utilitária e instrumental. O indivíduo possui a fé e a participação na religião por outros motivos que não a própria fé/religião, motivos externos, como segurança, conforto, sociabilidade, distração e status (KAHOE, 1985). Essa orientação é carregada de motivos egoístas, pois o indivíduo abraça a religião para suprir alguma necessidade sua, para obter alguma recompensa. Por isso, sendo que busca por algum benefício próximo, essa orientação foi vista de uma forma negativa, com características negativas, como uma religião ruim (COHEN et al., 2005).

Por outro lado, aqueles que possuem uma orientação intrínseca abraçam a fé por ela mesma, sendo a religião o fim mesmo do que busca, possuindo seu próprio significado. Outras necessidades que possam ter relação à fé são deixadas em outro plano, pois o indivíduo internaliza a fé, segue-a totalmente e ela se torna madura. “É o sentido de que ele *vive* a sua religião” (KAHOE, 1985, p. 410 tradução nossa) ao invés de *usar* ela para/por algo. A orientação extrínseca vê a religião como um meio, enquanto a intrínseca vê a religião como um fim (LAVRIČ; FLERE, 2011, p. 218).

Kahoe (1977) interpreta esses conceitos e fala de religião “*task-centered*” ou “*self-centered*”, ou seja, centrada em si mesmo ou em tarefa. A religiosidade centrada em si mesmo seria a orientação extrínseca e a religiosidade centrada na tarefa seria uma orientação intrínseca. O autor explica que não são dois “tipos” de pessoas, mas sim, duas dimensões que podem estar ambas “em algum nível em todos os cristãos” e que “as pessoas diferem em algum nível se são geralmente centradas na tarefa ou centradas em si” (KAHOE, 1977, p. 200–201 tradução nossa). Já em outro trabalho, o autor escreve que as duas dimensões podem acontecer ao mesmo tempo em alguém, ainda que sejam orientações opostas (KAHOE, 1985, p. 411).

A orientação intrínseca também é ligada com a auto-determinação de alguém em escolher algo, neste caso a religião, por não ser forçado a fazê-lo por pressões externas, motivos extrínsecos (GORSUCH, 1994). Nisto, podemos compreender que a religião intrínseca, sendo madura e que já se desenvolveu de uma motivação centrada em si para buscar a religião como um fim, está relacionada ao processo de “conversão”. Konings e De Mori (2012, p. 1227) chamam de

passagem e purificação para um “cristianismo católico de convicção pessoal” e Oliveira (2012) explica como isso se dá em passos graduais:

Na base da convicção pessoal está a conversão, que não se restringe a casos de profunda transformação interior em meio a uma crise existencial, mas pode assumir a forma de processos graduais de adesão cada vez mais firme aos valores e normas do sistema. (OLIVEIRA, 2012, p. 6 tradução nossa)

De uma forma diferente, mas complementar à teoria da orientação religiosa, Flere and Lavrič (2010) explicam que todas as pessoas são movidas em busca de obter recompensas e de evitar custos, utilizando a teoria de Rodney Stark da escolha racional aplicada à motivação religiosa. Isso quer dizer que as pessoas aceitam os “custos” que podem advir da participação religiosa, pois esperam as recompensas que a religião provê. Ainda que as pessoas “veem a religião como uma fonte de recompensas seculares” (2011, p. 233 tradução nossa) como os serviços que a religião oferece, o estudo mostra que a maior recompensa que os religiosos buscam são aqueles que não podem ser empiricamente mensurados: “*otherworldly rewards*”, recompensas de outro mundo que, no caso do cristianismo católico, é a vida eterna em Deus. No caso extremo, buscam a própria relação com o divino.

Em outro trabalho escrevem: “as expectativas de recompensas em outro mundo são o principal motivo de comprometimento religioso a longo prazo” (LAVRIČ; FLERE, 2011, p. 220 tradução nossa). Criam a escala de “Recompensas Religiosas Percebidas” (PRR) e concluem que esta forma um único construto com a orientação religiosa intrínseca. Por sua vez, a expectativa de recompensa se baseia na crença da pessoa de que existe essa realidade de bem eterno e que ela pode vir a receber. Portanto, nesta teoria, temos que a crença da pessoa gera a expectativa de recompensa, que gera a motivação da participação religiosa.

Desta forma, podemos dizer que todas as pessoas que frequentam uma religião buscam por alguma recompensa. Aqueles que têm orientação extrínseca e são mais “*self-centered*” buscam por conforto e outros bens seculares, “deste mundo”, pessoais, sociais ou materiais e aceitam poucos custos. Já aqueles que têm orientação intrínseca e são mais “*task-centered*” buscam a recompensa na outra vida, eterna, vivem a religião mais intensamente, são mais comprometidos e aceitam

mais custos “em vista do seu nível de expectativa” (LAVRIČ; FLERE, 2010, p. 235 tradução nossa) nessas recompensas transcendentais.

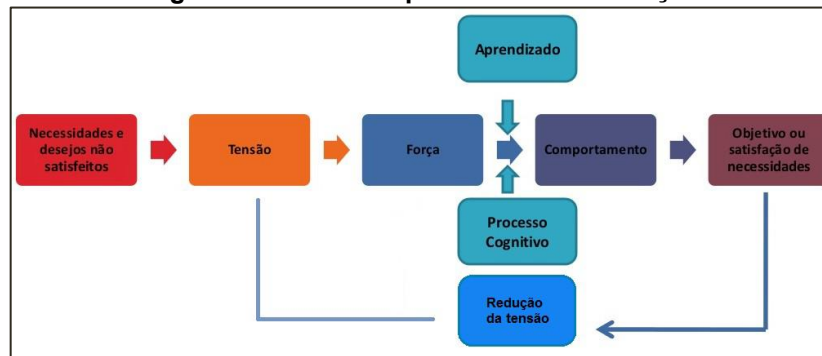
As pessoas sempre buscam algo na religião, e isso é a sua motivação. Assim como acontecem em outras esferas da vida, são impulsionadas pela necessidade de algo, pois percebem que a religião lhes dará algo que possam precisar ou querer. Ainda, o grau de envolvimento, conforme estudo de Salvi e Rittner, também depende das necessidades da pessoa, do que valoriza e pelo o que ela se interessa (SALVI; RITTNER, 2005).

Muitas pessoas, se não a maioria, são motivadas por fatores egoístas, fatores extrínsecos, como veremos exemplos mais adiante. Ao buscarem a fé ou a espiritualidade e ingressarem numa religião, estão centrados em si, no que precisam ou querem. Porém, Kahoe defende que, ao passo que as pessoas entram na religião, muitas desenvolvem o intrínseco e descobrem “as tarefas da religião como intrinsecamente gratificantes” (KAHOE, 1985, p. 201 tradução nossa). Portanto, entendendo esses fatores, sejam das pessoas extrinsecamente orientadas ou daquelas intrinsecamente orientadas, podemos entender melhor as suas motivações no que se refere ao comportamento religioso e como isso afeta o ambiente familiar.

2.3 Relação entre os conceitos de Motivação e de Necessidades

Schiffman e Kanuk (2015, p. 62) definem que “motivação é a força impulsionadora que existe dentro dos indivíduos e que os impele à ação” e que vem de necessidades não atendidas de uma pessoa. Para eles, uma necessidade não atendida gera um estado de tensão que, por sua vez, gera uma força interior impulsionadora que motiva a uma ação. A Figura 2 representa o modelo do processo de motivação de De Jeffrey F. Dugree et al (1996), apresentado por Schiffman e Kanuk (2015).

Figura 2: Modelo de processo de motivação



Fonte: De Jeffrey F. Dugree et al, 1996, apud Schiffman; Kanuk, 2015.

Skinner (2003) explica necessidade e desejo conforme “uma condição resultante” de privação que aumenta a probabilidade de uma resposta, ou seja, de um tal comportamento ocorrer. Por exemplo, segundo o autor, uma pessoa que está privada de beber água tem maior probabilidade de tomar água quando tiver a oportunidade. As necessidades são “causas interiores” do comportamento.

Por outro lado, houve teorias tratando motivação no âmbito de uma autorregulação para definir e/ou alcançar objetivos. Gollwitzer e Oettingen (2015) explicam isso ao citar William James (1890), para quem essa autorregulação “tem a ver tanto com fortalecer uma tendência fraca para realizar um comportamento desejado, quanto com enfraquecer uma tendência forte de realizar um comportamento indesejado.”. (GOLLWITZER; OETTINGEN, 2015, p. 938 tradução nossa) Os mesmos autores trazem a teoria de Narziss Ach (1935), que tratou sobre quão forte é uma determinação, que está relacionada ao “grau de concretude ao especificar a situação e a intensidade do ato de estar disposto” (GOLLWITZER; OETTINGEN, 2001, p. 10111 tradução nossa), ao contrário de relacionar à importância que alguém dá ao seu objetivo.

A Hierarquia de Necessidades, de Abraham Maslow é muito conhecida na Administração devido seu uso na psicologia organizacional. Com ela, o autor divide as necessidades humanas em níveis numa pirâmide, onde na base encontram-se as necessidades fisiológicas e no topo se encontra a autorrealização. A principal questão de sua teoria é que o ser humano busca satisfazer por primeiro suas necessidades mais latentes na base da pirâmide e, somente após serem minimamente atendidas, ele busca satisfazer as que estão nos níveis superiores.

Assim vai passando pelas necessidades de segurança, sociais, egoístas (do ego), subindo até o topo da pirâmide atrás da sua realização pessoal.

Outra teoria de necessidades humanas foi realizada por Henry Murray (SCHIFFMAN; KANUK, 2015, p. 72). Ele descreve em seu trabalho 28 itens de necessidades psicológicas e a sua teoria, diferentemente da anterior, é que todas as pessoas possuem “o mesmo conjunto básico de necessidades”, porém, cada um classifica elas conforme sua ordem de prioridades. No presente trabalho cabe apenas destacar algumas delas: ordem, realização, evitação, conhecimento, divertimento, imitação e afiliação.

Pensando primeiro na teoria de Maslow, e considerando que a religião esteja em algum nível mais acima da pirâmide, concluiríamos que somente pessoas com boas condições de vida (saudáveis e confortáveis) seriam religiosas ou espirituais. Ao contrário, as pessoas de baixas condições não seriam espirituais, pois suas necessidades biológicas estariam mais latentes. Ora, não é isso o que acontece. Pessoas pobríssimas são religiosas ou de alguma forma espirituais.

Outros exemplos são pessoas na história que permaneceram fiéis à sua religião mesmo no terrorismo, nos ataques e no martírio, contrariando uma possível hierarquia em suas necessidades pessoais. Para a religião, portanto, as necessidades não podem ser classificadas dessa forma e a teoria de Murray parece possuir maior correspondência no âmbito humano transcendental. Outra crítica a Maslow vem de Todorov e Moreira (2005), que dizem que uma suposta hierarquização das necessidades não possui bases na observação do comportamento, mas, antes, vem de um conceito ideológico a priori.

Para os autores, muitos trabalhos sobre motivação e comportamento humano buscam responder o “por que” e esquecem das relações entre comportamento e o ambiente, que levariam a maiores resultados na ciência. Eles levantam diversos conceitos de motivação e defendem que “essa miscelânea conceitual evidencia não a quantidade de conhecimento que se tem sobre a motivação, mas a falta dele.” (TODOROV; MOREIRA, 2005, p. 5). Com os autores citados por eles, vemos que motivação estaria ligada a persistência de uma ação, assim como aos fatores, às causas, ao porque, que direciona e que traz intensidade

ao comportamento. É vista tanto como um fato psicológico, como um processo do comportamento. Motivação estaria relacionada não só a necessidades, mas também aos conceitos de desejo, impulso, vontade, força interna, energia e instinto.

Enquanto na psicologia há uma variedade de conceitos e abordagens de motivação que muitas vezes podem se contrapor; ao mesmo tempo em que pode ser considerado que o estudo da motivação é o próprio estudo da psicologia, ou que nem possui utilidade para a ciência definir o conceito (TODOROV; MOREIRA, 2005, p. 6–7). É interessante relacionarmos essas ideias com a teologia e com a tradição literária cristã, para compreender, no campo deste estudo, qual a visão que a fé dá para estes mesmos conceitos e sua relação com a motivação humana no encontro com o transcendente.

2.4 Necessidades, desejos e instintos no âmbito teológico

Claramente, o ser humano possui muito mais do que uma lista de necessidades possa reivindicar e, por si só, ele é complexo. Cada campo de estudo vai nos ajudar a compreender as necessidades humanas conforme o seu escopo de análise. Na sociologia falam sobre necessidades ligadas ao contexto social e a relação com outras pessoas e organizações, na biologia sobre necessidades fisiológicas e, assim por diante. Portanto, na religião, fala-se sobre necessidades espirituais. Não que umas são erradas e outras corretas, mas todas juntas formam a complexidade da pessoa humana.

É importante para o presente trabalho observarmos a visão de ser humano diferente que há entre a psicologia e a administração da que a teologia têm e, com isso, o que a literatura cristã traz como necessidades do homem espiritual, transcendente. O Papa João Paulo II sintetizou esta diferença:

O significado bíblico e teológico do desejo e da concupiscência difere do usado na psicologia. Para esta última, o desejo provém da falta ou da necessidade, que o valor desejado deve satisfazer. A concupiscência bíblica (...) indica o estado do espírito humano afastado da simplicidade original e da plenitude dos valores (...). (JOÃO PAULO II, 1980a)

Isso quer dizer que as pessoas possuem desejos e necessidades que eram simples, mas que se encontram desordenados por se afastarem da espiritualidade e do divino. O interior está ali, mas como que abafado e desviado do seu curso. Conseqüentemente, se alguém cresce numa vida espiritual e se aproxima da “plenitude dos valores”, então suas necessidades também irão demonstrar isso. Esta pessoa comprometida com um estado de espírito que busca os valores e a vida divina expressa desejos e necessidades e vai ter comportamentos relativos a essa realidade.

Aprofundando este assunto, João Paulo II, em um discurso intitulado “Vida segundo a carne e justificação em Cristo”, do dia 17/12/1980, analisa os escritos de Paulo na Bíblia, na Carta aos Gálatas, em que este diz “... os desejos da carne se opõem aos do Espírito, e estes aos da carne; pois são contrários uns aos outros” (BÍBLIA AVE MARIA, 2019, liv. GI 5, 17). Neste trecho, “carne” significa o homem que vive interiormente e exteriormente pela concupiscência, já referida acima; e “Espírito” é a ação de Deus em nós, que faz o ser humano possuir desejos novos e puros.

Ora, isto nos indica, em primeiro lugar, que para a tradição cristã essa concupiscência gera certos desejos nas pessoas; assim, como o Espírito também gera desejos, porém contrários. Como explica o Papa: “Nesta luta entre o bem e o mal, o homem mostra-se mais forte graças ao poder do Espírito Santo que, operando dentro do espírito humano, faz que os desejos deste frutifiquem para o bem”. (JOÃO PAULO II, 1980b)

Por isso, faz sentido percebermos que na medida em que vai amadurecendo, a pessoa expressa necessidades e desejos diferentes de quando era mais jovem e, principalmente, neste caso tratado aqui, de quando começou a participar da comunidade religiosa. Pois, na visão teológica, o que está por trás não são (somente) fatores ambientais, mas internos, de abertura ou ao Espírito ou a uma tendência ao pecado, que é a concupiscência.

Esse amadurecimento acontece quando se se atém ao que são as verdadeiras necessidades da pessoa humana enquanto cristã em desenvolvimento com sua formação, em detrimento da satisfação de desejos, que são curto-prazistas,

e que levam a um desequilibrar na crise vocacional, conforme nos explica Mendonça (2008). Posto de outra forma, quando a pessoa sai de uma dimensão exterior (orientação extrínseca), levada por fatores externos que a estimulam à vida de fé/religiosa/participativa na comunidade, para uma dimensão interior (orientação intrínseca), quando não precisa, ou precisa menos, de fatores externos, mas encontra sua motivação num interior relacionamento e união com o próprio Deus.

Da mesma forma, podemos fazer uma associação com o exposto anteriormente: que à medida que as pessoas participam de uma vida de fé vão mudando a sua orientação religiosa e a sua motivação. Portanto, é tarefa da religião indicar este estado de espírito e guiar as pessoas para o encontro com o interior e divino. É a sua finalidade receber os que estão longe e trazê-los para perto. Como lembra Kahoe (1977, p. 201 tradução nossa) “se não fosse por nossas fraquezas muitos de nós nunca teríamos ido a Cristo”, pois Jesus veio para os doentes, e não para os sadios.

Em complemento, a Igreja ensina que o desejo mais profundo, e também a necessidade mais natural dos humanos é a união. É fazer parte de uma comunhão de amor. Christopher West explica que é o “anseio do coração humano pelo infinito”. (WEST, 2018, p. 21) e João Paulo II explica, comentando o Gênesis, que o homem foi constituído como “companheiro do Absoluto” (JOÃO PAULO II, 1979a), pois é chamado a uma união com o próprio Deus e, ainda, que a unidade na comunhão de pessoas (particularmente entre homem e mulher) denota a própria identidade da natureza humana (JOÃO PAULO II, 1979b), por causa desse chamado ao amor. Também, Agostinho de Hipona mostra esse anseio interior dizendo "(...) fizestes-nos para Vós e o nosso coração não descansa enquanto não repousar em Vós" (AGOSTINHO, 1997, seq. I, 1, 1). Conforme o Catecismo da Igreja Católica,

O desejo de Deus está inscrito no coração do homem, já que o homem é criado por Deus e para Deus; e Deus não cessa de atrair o homem a si, e somente em Deus o homem há de encontrar a verdade e a felicidade que não cessa de procurar. (CIC, 2000, parag. 27)

Por sua natureza, o homem é chamado para a plenitude. O desejo de felicidade, expresso por todas as pessoas, de todos os povos, idades e crenças, é o desejo íntimo de encontrar a realização pessoal no sentido da existência humana, que é no encontro do amor. O catecismo nos indica que, em toda a história humana,

a busca por essa plenitude fez e faz do homem um ser religioso (CIC, 2000, parag. 28).

Por outro lado, muitas vezes as pessoas prendem-se à satisfação de desejos superficiais, como exposto acima, de curto prazo, que mascaram a profundidade e que vêm “da carne”, da concupiscência, fugindo da satisfação do anseio profundo, que se encontra numa vida “no Espírito”. West (2018) sobre isso resume: “Se quisermos encontrar a satisfação daquele anseio humano universal, devemos aprender a mirar nosso *desejo* em conformidade com o seu *desígnio* de modo que ele nos lance ao nosso *destino*.” (WEST, 2018, p. 22)

Conforme esta visão teológica de como se encontra o ser humano e, portanto, suas íntimas necessidades espirituais, que encontramos na literatura cristã a necessidade que o homem tem de Deus, de unir-se a Ele, de meditar e elevar-se à realidade transcendente, de amar e ser amado e de ser feliz (FAUS, 2012). Portanto, a religião é o lugar de encontrar essa plenitude do ser humano e leva-lo ao transcendente, fonte e ápice de todos os seus desejos.

2.5 Transmissão religiosa no ambiente familiar

A partir do entendimento da orientação religiosa e a relação disso com as necessidades de alguém podemos compreender melhor como cada um se relaciona com a igreja e o que espera dela. Alguns exemplos que se seguem vão reforçar a ideia de que muitas vezes a motivação religiosa, e suas necessidades geradoras, mostram uma orientação extrínseca.

Um artigo mostrou que, para os pais que não participam de religião, a educação religiosa dos filhos é importante para trazer-lhes os valores e o ensino da moral, dar-lhes a experiência da participação dos rituais religiosos e possuir, através da religião, um suporte social comunitário (MANNING, 2013). E, entre aqueles que são de alguma forma religiosos, a criação dos filhos desperta o crescimento do envolvimento da fé, por ser algo importante apresentar-lhes os valores religiosos (INGERSOLL-DAYTON; KRAUSE; MORGAN, 2002).

Ao contrário, quando a educação dos filhos chega ao seu fim, os pais podem ter uma diminuição da sua religiosidade, por não terem mais a responsabilidade

perante a religiosidade dos filhos (INGERSOLL-DAYTON; KRAUSE; MORGAN, 2002). Um resultado similar foi encontrado no estudo de McCullough et al (2005, p. 87) utilizando a teoria da escolha racional, em que os participantes tiveram um “aumento do seu consumo de religião” aos 30/40 anos de idade, provavelmente devido a criação da família e educação dos filhos, mas tiveram uma diminuição da religiosidade a partir dos 50 anos de idade. Já o principal motivo pelo qual os pais americanos não educam seus filhos em uma religião é pela falta de tempo, devido ao acúmulo de atividades da família durante a semana (MANNING, 2013).

Como exposto anteriormente, Thiessen (2016) mostra que a base familiar tem um grande papel nas decisões da socialização religiosa por parte dos pais. Além disso, seu estudo mostra que, na realidade canadense, uma importante motivação é a educação moral dos filhos. Os entrevistados apontam que a religião ajuda seus filhos a terem uma “vida ética”, para serem pessoas boas, respeitadas e justas, assim como para “dar-lhes uma âncora”, para ter “uma luz” que os guie e porque sentem que “é a coisa certa a fazer” (THIESSEN, 2016, p. 4 tradução nossa).

Em seu estudo, Braden (1947) listou diversas motivações pelas quais as pessoas são religiosas e ranqueou-as pela frequência nas respostas dos participantes. As 10 motivações de maior pontuação foram “dá sentido à vida”, “motiva a bondade humana”, “provê ajuda em momentos de estresse/tensão”, “enriquece a vida”, “fornece um ideal de moral”, “compele a acreditar em um ser supremo”, “formação inicial (na infância)”, “fornece um propósito para a vida”, “dá orientação” e “faz valer a pena viver” (BRADEN, 1947, p. 39 tradução nossa).

Apesar de tanta diferença nos anos nos quais esses estudos foram realizados, Braden (1947) podemos dizer que já antecipava, de certa forma, os resultados encontrados por Thiessen (2016) e por Manning (2013). A procura por um guia moral e uma educação de valores é uma forte motivação religiosa, confirmada nesses estudos. Porém, Braden (1947) já previa uma mudança nas motivações conforme uma diferença geracional. Motivos como “salvação” e “vida depois da morte” não tiveram rankings tão altos em seu estudo, o que o levou a concluir que, devido ao pensamento científico moderno, os jovens não dariam tanta importância a esses motivadores que não podem ser “provados” e o estudo daria resultados diferentes se fosse realizado algum tempo antes.

No lugar desses motivos “transcendentais”, já vimos que estão os motivos pessoais e sociais, “extrínsecos”, “deste mundo”. Por isso, motivos de educação moral, ajuda em dificuldades, busca por segurança, orientação, coragem, paz e conforto ficam altos no ranking e aparecem em muitas respostas. No Quadro 1 constam os fatores que pudemos encontrar na literatura que influem na motivação religiosa.

Quadro 1: Fatores relacionados à motivação religiosa

Fatores que estimulam a não vivência	
Falta de tempo / acúmulo de atividade	
Fatores externos para a vivência religiosa	
Educação moral dos filhos	Ensina a bondade
Base / histórico familiar	Ajuda em momentos de estresse
Vida ética / ideal moral	Enriquece a vida
“Âncora” para a vida	Acreditar em um ser supremo
“Luz” para ser guia / dá orientação	Faz valer a pena viver
Dá sentido à vida / oferece um propósito	Sentimento de “é o certo a fazer”
Fatores internos para a vivência religiosa	
Expectativa de Salvação	Ter um relacionamento com Deus
Expectativa de vida depois da morte	Desejo de amar e ser amado

Fonte: Elaborado pela autora.

Com isso entendemos melhor o que foi exposto acima, que as pessoas buscam primeiro a religião por suas necessidades pessoais, mais “palpáveis” ou empíricas e que acabam sendo estimuladas por fatores externos que conduzem à satisfação dessas necessidades, por isso, são imaturas espiritualmente, pois não chegam a uma motivação interior que os leve à participação religiosa por uma verdadeira vivência de fé e união com Deus. Ao passo que vão participando e interiorizando a fé, suas necessidades passam a ser centradas na própria fé, com uma relação com Deus e a vida eterna.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para chegarmos nos objetivos acima estabelecidos foi necessário buscar participantes para a pesquisa que possuam filhos e que tenham algum vínculo com uma comunidade católica, seja em maior ou menor intensidade. Em uma primeira etapa buscou-se levantar conceitos e ideias presentes nas opiniões e experiências dessas famílias, tendo como parâmetro o que foi encontrado na literatura. Em uma segunda etapa, foi utilizado esses resultados para buscar maiores resultados em relevância na área geográfica do estudo.

3.1 Etapa 1: entrevistas em profundidade

Para a primeira etapa, foram contatados possíveis candidatos pertencentes à Diocese de Novo Hamburgo, especificamente com algum vínculo com a paróquia da Catedral São Luiz Gonzaga. A escolha dos participantes foi por conveniência, mediante contato com líderes da comunidade, entre eles catequistas e participantes de grupos de casais, além de indicação de possíveis participantes por parte de pessoas próximas à autora que possuem algum contato com pessoas que tenham o perfil desejado. Estes contatos poderiam verificar nos seus grupos aquelas pessoas que estariam mais dispostos e disponíveis para contribuir com a pesquisa.

As informações que são necessárias obter para cumprir os objetivos do trabalho abrangem o histórico familiar dos pais participantes, como vêem a religião em suas vidas, suas expectativas em relação à participação religiosa e a aceitação de uma crença, assim como as consequências que acreditam advir disso. E, é claro, como escopo principal do trabalho, informações de suas opiniões sobre uma educação religiosa para os filhos.

O procedimento a ser adotado na pesquisa é a entrevista em profundidade, com roteiro semiestruturado. Para montar este roteiro será utilizado como base os conceitos e os resultados já encontrados em outros estudos vistos na revisão da literatura. Conforme Thiessen (2016), o histórico familiar dos pais em relação à religião é decisivo para o modo como eles transmitem a religiosidade, seja na fé,

espiritual, seja no comportamento religioso. Conforme a literatura, também, podemos distinguir a motivação religiosa em orientação intrínseca ou extrínseca (COHEN et al., 2005; KAHOE, 1985).

Quadro 2: Questões das entrevistas e suas fontes

Questões	Adaptação de:
Expliquem a adesão à religião. Vocês diriam que ocorreu um processo ou momento específico de conversão, quando perceberam o porque de seguir essa religião? Como aconteceu? Como foi a educação em casa em relação a fé?	THIESSEN, 2016
Como vocês acham que a criação que tiveram influenciou na forma como vocês lidam com a religião com seus filhos? Tem alguma coisa que gostariam de fazer com os filhos da mesma forma que seus pais fizeram?	
Porque hoje vocês mantêm a fé e a participação na Igreja?	COHEN et al., 2005; KAHOE, 1985
Qual(is) vocês acreditam que é(são) a(s) maior(es) recompensa(s) em ser cristão?	
Como vocês achas que é(são) uma boa(s) maneira(s) de alimentar a fé católica?	
Quais são as expectativas para o futuro em viver a religião católica para a família de vocês?	LAVRIČ; FLERE, 2010
Como vocês se sentiriam (mais) engajados na comunidade religiosa? (Ou porque são engajados, caso sejam participantes mais frequentes)	KIRKPATRICK; HOOD JR, 1990; KAHOE, 1985; SALVI; RITTNER, 2005
Vocês possuem práticas cristãs dentro do ambiente familiar, algum hábito no dia a dia? Quais?	MANNING, 2013; SCHIFFMAN; KANUK, 2015; BADER; DESMOND, 2006
De que forma é importante para sua família o contato e a vivência da religião católica?	BADER; DESMOND, 2006; MANNING, 2013; THIESSEN, 2016; BRADEN, 1947
Como vocês usam o tempo que têm juntos na família?	MANNING, 2013; MCCULLOUGH et al., 2005
Como gostariam e/ou planejam educar seus filhos, transmitir, os valores cristãos e morais?	PIO XII, 1943; THIESSEN, 2016; CIC, 2000
Diante desse papel de pais e de educadores de vocês, qual é o papel que vocês vêem que a Igreja possui na educação dos filhos?	CIC, 2000; STEIL; TONIOL, 2013

Fonte: Elaborado pela autora.

Sobre os resultados encontrados na literatura, os pais buscam a religião para dar valores morais aos filhos, mas se abstém da educação religiosa pela falta de tempo (MANNING, 2013) ou mesmo pela indiferença. Portanto, é importante abordar esse tema na entrevista, pois fornecerá diretamente uma ideia da motivação dos pais com a educação dos filhos. Adicionalmente, podemos intuir que, ao contrário da falta de tempo para a educação religiosa, os pais que dedicam tempo a estar junto com a família e que acompanham ativamente o dia a dia dos seus filhos, terão maior abertura e mais oportunidades de realizar essa tarefa.

Por fim, devemos compreender melhor a opinião dos pais e a influência de sua história na forma que utilizam, ou gostariam de utilizar, no dia a dia para transmitir a fé e seus valores para os filhos. No Quadro 2 listamos os questionamentos para a entrevista, relacionando com os textos da literatura que serviram como base para a sua construção neste trabalho.

Estes questionamentos iniciais formam a estrutura do roteiro, conforme o Apêndice A, e foram precedidos por perguntas anteriores sobre a composição da família e se participam de algum grupo na Igreja. O roteiro de entrevista é dividido em três partes. A primeira delas abrange perguntas sobre o histórico dos respondentes, como foi sua criação e como, pessoalmente, encaram a fé. A segunda é de perguntas ligadas à participação na religião, busca identificar aspectos de orientação extrínseca ou intrínseca. E a terceira parte é para investigar o relacionamento entre os membros da família, a importância que os pais dão para a vivência religiosa dos/com os filhos e como encara a educação na fé.

Apesar de todas as perguntas aqui elencadas se referirem ao plural, pois o objetivo é entrevistar casais de pais, algumas entrevistas ocorreram com apenas a mãe ou o pai, em uma situação por a mãe não ser casada, mas nos demais casos houve uma que representou o casal devido a adequação de horários para a entrevista. Como veremos na análise em seguida, foram 9 participantes neste primeira etapa, cujas entrevistas ocorreram entre os meses de setembro e outubro de 2019. Cada um deles foi numerado conforme a ordem que foram entrevistados, sendo E1 o primeiro, E2 o segundo e assim por diante. Também, para a análise foi inserido nesta sigla as letras “a” e “o” identificando se a fala foi proferida por mulher ou por homem, respectivamente (no caso de entrevista com casal, se foi a mãe ou o

pai). O Quadro 3 mostra as numerações com a respectiva composição familiar dos entrevistados.

Quadro 3: Composição familiar dos participantes nas entrevistas

	Qualificação	Filhos
E1	Mulher, solteira	1 filho pré-adolescente
E2	Casal	1 filho bebê
E3	Casal	2 filhas, 1 adolescente e 1 jovem adulta
E4	Homem, casado	1 filho adolescente
E5	Mulher, casada	1 filho adolescente e 1 filha criança
E6	Casal	2 filhas crianças
E7	Mulher, casada	2 filhos adultos e 1 sobrinha criança
E8	Casal	2 filhas crianças
E9	Mulher, casada	2 filhos crianças

Fonte: Elaborado pela autora.

Após realizadas as entrevistas, a análise das respostas é feita com a identificação dos temas que emergiram, o quão pouco ou muito apareceram (relevância) e posterior comparação com a literatura utilizada na parte teórica do trabalho - triangulação. Com isso, espera-se ser possível relacionar a importância dada aos temas nas entrevistas por parte dos respondentes com a importância dada aos mesmos temas pelos autores na literatura, além de comparar o tema da vivência de fé na comunidade estudada com os contextos estudados por estes autores.

3.2 Etapa 2: questionário online

A segunda etapa se deu através de um questionário online que iniciava com 2 perguntas para filtrar os respondentes em católicos com filhos. Seguindo, continha 4 perguntas de introdução (IA até ID), para obter dados demográficos dos respondentes, e mais 56 perguntas elaboradas com base na teoria e nos resultados da análise das entrevistas.

Para 54 questões foram utilizadas afirmações sobre comportamento ou opinião relacionados à fé na família. A resposta se dava com a escala de Likert,

variando de 1 – discordo a 5 – concordo, em que os participantes foram convidados a selecionar conforme suas experiências e opiniões, marcando o grau de importância que a afirmativa possui em sua vida e o quanto concorda ou discorda com ela. No final, 2 questões para os respondentes selecionarem as práticas que possuem de fé no ambiente familiar.

Conforme a lista no Apêndice B, as questões foram divididas em subgrupos por temas: BN - 9 afirmativas sobre Benefícios percebidos na fé; VF - 8 afirmativas sobre a importância da fé e da participação na Vida Familiar; SM – 15 afirmativas sobre Situações e fatores na fé que podem sugerir maior motivação em participar da Igreja; FX – 6 afirmativas sobre Fatores Externos que poderiam influenciar na motivação, aqui focado no histórico familiar dos respondentes; FN – 8 afirmativas sobre estímulos Internos que podem influenciar na motivação; TR – 8 afirmativas sobre a transmissão da fé aos filhos e as 2 questões (TR9 e TR10) sobre as práticas de fé dos respondentes em suas famílias.

A divulgação do questionário aconteceu através de grupos do WhatsApp, utilizando-se pessoas-chave para compartilhar em seus grupos ligados à Igreja Católica, com um pedido de ser enviado aos contatos destes que ora receberam. Foi contatado também algumas secretarias paróquias da região, para que divulgassem nas suas respectivas comunidades, além de uma publicação em rede social.

O total de respostas no questionário foi de 317, num período de duas semanas, mas para o presente trabalho foi necessário retirar 53 respostas destas, pois eram de pessoas que não possuem filhos e de uma pessoa que não era católica.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS DA ETAPA QUALITATIVA

A análise qualitativa será feita através das entrevistas, com a transcrição de alguns trechos das falas dos participantes e seguindo a sequência de temas feita nelas, com apenas algumas diferenças. Começando pela história e experiência dos pais, passando pelos fatores importantes levantados que se relacionam com isso e pela transmissão aos filhos. Comparamos, então, os fatores encontrados na literatura com as respostas dos participantes, para concluirmos com a relação da vida familiar com a Igreja enquanto instituição.

4.1 A tradição de gerações

Como Thiessen (2016) explica, sempre há alguma influência por parte da família na aceitação da fé pelos pais (em sua história pessoal enquanto filhos) e depois para transmitir o que receberam, pois a educação religiosa recebida em casa normalmente cria bases difíceis de serem esquecidas. Porém, em se tratando de como isso acontece, os pais podem decidir se repetem o método utilizado pelos seus pais ou se escolhem fazer exatamente o contrário, utilizando sua experiência para saber como não querem fazer.

Isso foi confirmado nas entrevistas aqui exploradas, mostrando que ainda a fé é uma herança familiar. Além disso, os entrevistados relatam o papel e a figura da mãe como uma referência nesse processo de transmissão. Vários trechos comprovam a relação da mãe no ambiente familiar com a vivência da fé e a lembrança que permanece nos entrevistados. Em alguns casos, podemos notar que a mãe era como a responsável por este papel de introduzir e acompanhar os filhos na fé, enquanto o pai não participava, ou não tão ativamente. Os entrevistados relembram momentos de duas vidas onde a mãe que os levava à Missa ou à catequese, quem realmente praticava a fé em casa e sabia da importância em cultivar nos filhos as mesmas práticas.

Com base em sua história pessoal, cada pai e mãe julga como quer educar seus filhos. Algumas vezes, isso acontece de forma mais direta e consciente e

outras vezes mais inconscientemente, ainda que esteja de alguma forma presente, influenciando. Isso foi percebido nas entrevistas, as quais serviram para os participantes para refletirem e mesmo perceberem essa possível ligação. Alguns pais decidem fazer exatamente como seus pais e propor que seus filhos vivam o mesmo caminho que viveram, seja nas formas de participação comunitária, seja nas práticas domésticas de orações. Já outros pegam como ponto de partida apenas uma parte do jeito dos seus pais ensinarem para adaptarem a sua família e a sua própria maneira de educar, percebendo que não concordam totalmente com a maneira em que foram educados, ou acolhendo o pensamento mais atual que a sociedade coloca, ou mesmo identificando que hoje possuem maiores conhecimentos que levam a tomarem decisões diferentes.

Apesar de histórias familiares diferentes, comparando com a educação que receberam de seus pais, muitos entrevistados apontam uma diferença entre as gerações, devido a esses pontos acima citados que influenciam os pais atuais a pensarem e encararem a educação na fé de uma maneira diferente. A forma com que lhes foi transmitida a fé dos seus pais trazia muitas vezes uma visão negativa, pois obrigavam os filhos à participação como mero preceito. Em vez de levarem as crianças à contemplação das coisas boas da religião e da figura de Deus, seus pais ensinavam sobressaindo na mente infantil as coisas negativas, o que deveriam cumprir e o que não poderiam fazer. Para West (2018) esse tipo de educação se assemelha a uma “dieta de inanição”, enquanto o verdadeiro plano de Deus é oferecer um banquete para a humanidade.

Algumas formas com as quais os entrevistados expressaram o modo de ensinar dos seus pais incluem: que era robotizado e por obrigação, era impositivo e acaba não transmitindo a alegria da fé e, ainda, que gerava medo, por mostrar uma imagem de Deus como aquele que castiga. Entretanto, os entrevistados entendem que a geração anterior, de forma específica nos seus pais, não fazia por mal, mas muitas vezes a forma como ocorria a educação era consequência de condições precárias de vida e de falta de conhecimento, mas mesmo com vidas simples se esforçavam para fazer o que achavam que era correto.

Alguns também relatam que seus pais não participavam ou eram indiferentes à religião.

Por uma razão ou outra, a educação que os entrevistados buscam dar é fazer de certa forma o contrário do vimos: não forçar, não fazer a fé parecer uma coisa ruim, não impor ou obrigar. Presar pela liberdade individual do jovem em acolher a fé com amor, inserir de forma mais natural. Contrapõem-se à geração anterior as melhores condições de vida que muitos têm e o conhecimento à disposição para aperfeiçoarem-se enquanto pais e educadores. Então, temos que a base da espiritualidade permanece, mas ganha novas formas na história da família, como veremos mais adiante.

Para os pais de hoje em dia, apesar de a imposição ser pensada como algo negativo na transmissão da fé e a ser evitado, devido à experiência que tiveram em suas famílias, por outro lado, enquanto pais, entendem que é necessário em algum nível para a educação. O casal da entrevista nº 2 explica esse pensamento:

“Da minha parte, assim, foi uma, por minha mãe ser (católica)... Como ela foi criada na Igreja Católica, né. Mas, ela também não tinha o crisma, assim, daí ela foi, meio que uma... Não uma imposição, né, pra criança, sei lá... Crianças às vezes tem que ser meio imposto as coisas, né. Porque se deixar assim, ela desiste né. (...) A gente agora, como pais, a gente não vai dar opção, não.” [E2o]

Ideia similar é transmitida em outra entrevista da seguinte maneira:

“Não se dispensa a educação conservadora porque tu tem que aprender alguma coisa, tem que ser imposta se não, não funciona, né. Mas, o jeito que era imposta (a fé) era bem complicado.” [E4]

Outra mãe refletiu sobre seus filhos mais velhos, que já são adultos, comentando que falou cobrança e, por isso, a educação que receberam poderia ter sido melhor do que puderam dar. Os entrevistados, então, percebem que há algo de bom e positivo na cobrança e na imposição. Outros pais também trazem a importância de saber conduzir a criança para o ambiente da Igreja, ainda que no início não ela queira, mas com o tempo pode passar a gostar.

Percebemos que há nisso um desafio: educar de forma que haja uma certa “imposição”, a obediência por parte da criança em seguir a guia de seus pais, inerente à dinâmica familiar e devido à imaturidade e ignorância das crianças, ao mesmo tempo em que se faça isso de forma amorosa, sem rigidez e robotização,

levando os filhos a conhecerem e amarem a fé como os pais o fazem, para que possam por si mesmos aceitar e participar com vontade. Dois lados que às vezes são tidos como contrapostos, mas que devem ser harmonizados e equilibrados na dinâmica familiar.

Diante dessa visão que ficou da geração anterior e levando em consideração esse desafio, os pais de hoje buscam fazer diferente, ou seja, tomam as bases da fé que receberam, mas utilizam de um outro modo para passar as crenças e valores para seus filhos. Uma ideia em relação a isso que surgiu nas entrevistas foi a de que a fé tem que ser boa, alegre, prazerosa.

Atualmente, se sobressai a ideia de deixar os filhos mais livres para escolherem aceitar ou não a fé após o primeiro período de educação na infância e adolescência e transmitir a religião de forma mais agradável, como visto em Thiessen (2016). Para que se chegue nisso, os pais devem incentivar seus filhos a participar e também participarem junto, apoiar e dar permissão para que vivam a comunidade de fé com seus pares. Os pais também explicam que deve haver conversa para explicar as consequências de cada comportamento e atitude da criança, as expectativas que os pais têm para ela e trazer a fé de uma forma leve. Como o pai da entrevista 6 explica, por ser estudante de psicologia e ter renovado a sua fé ao aplicar certos aprendizados na sua relação com a Igreja: “a gente começou a entender que tu motivar as pessoas é muito melhor do que tu cobrar”, o que gerou melhores resultados com suas filhas ao mudarem a sua forma de educação. Em complemento, mais adiante vamos detalhar como os entrevistados fazem isso no dia a dia da vida familiar.

4.2 Quebra no papel familiar

Com os dados que vimos na literatura, que a fé está deixando de ser transmitida no seio familiar, num processo de destradicionalização (STEIL; TONIOL, 2013), surgem dinâmicas de adesão à fé e participação diferentes, como no caso de algumas entrevistas, por meio de grupos dentro da comunidade que reúnem jovens ou casais. Isso se refletiu nas entrevistas através da diferenciação dos termos “adesão” e “participação”. O primeiro é uma aceitação da fé como tradição familiar,

como até mesmo uma imposição dos pais; já o segundo sugere um acolhimento da fé de forma pessoal, com vontade e escolha próprias. Percebemos que muitas vezes a família gera uma adesão, sem perceber a superficialidade disso, enquanto que o que deve ser buscado é uma real participação, que para alguns pais foi ofertado pelos grupos de jovens.

Apesar de terem a herança da família e a base da fé, tomaram uma decisão pessoal de continuar sendo católicos por influência de outros meios. A entrada em algum grupo específico na paróquia significou uma mudança no comportamento religioso de alguns pais quando jovens. Uma entrevistada explica que com a família só participava da Missa, mas depois começou a ir a outros encontros no sábado e a participar ativamente dos eventos na sua comunidade. E para outra entrevistada, ainda que era ativa com sua família, sentia que faltava uma alegria em participar, o que adquiriu quando participou do grupo de jovens. Para estes pais, a participação em grupos motivava a participação enquanto jovens, ainda que era mais compromissos, trazia alegria, convivências e orgulho por causa do sentimento de pertencimento e acolhimento que tinham.

Da mesma forma que mudava o comportamento e a forma de viver a religião por parte dos entrevistados, a realidade dos grupos acaba por interferir na vida de todos os familiares, incluindo os pais. Alguns entrevistados apontaram que, através da sua participação, levaram a sua família para a Igreja, em que os pais e irmãos começavam a frequentar através do acolhimento do grupo. Para o casal E8, o seguinte trecho explica bem essa dinâmica na sua trajetória:

“Por mais que ela (mãe) não se envolvia com grupo e ia só na Missa, ahm, ela me fez conhecer que, a igreja, que existiam grupos. Então, isso é uma coisa que a gente leva, deles né. E tu (esposo), tu levou todo mundo (pra igreja), mas no fim acabou que todo mundo se, se converteu. Então, a continuidade desse indo também vem dos teus pais né. A gente continuou indo, não deixou de ir.” [E8a]

Para os entrevistados, os grupos da igreja tiveram grande impacto em suas vidas, de uma forma ou de outra. Dentre as 9 entrevistas, 3 casais relatam que se conheceram em grupo de jovens e depois decidir casar e formar suas famílias. Foi relatado que o aprendizado que recebem neste meio, e pela fé que têm, conseguem

melhor levar um relacionamento e entendem melhor o que precisa para se preparar para a vida depois do matrimônio. As duas pessoas se conhecerem neste meio fez diferença em suas vidas para que pudessem se preparar o seu matrimônio e para constituir a sua família, entendendo o passo que estavam dando. Por outro lado, alguns entrevistados apontam que, para um casal que não tem tanto o conhecimento quanto o apoio da fé, se torna mais comum passar pelo divórcio e por crises. Mas, por seu lado, a participação na Igreja serve para o fortalecimento do casal no seu relacionamento e um sustento para as situações difíceis no início da adaptação em uma vida a dois.

É importante, então, destacar que o casal inserido em uma comunidade ou grupo se sente mais apoiado na fé, com maior certeza e maior vontade de participar, além de poder compartilhar experiências da vida com outras famílias em situações similares, para que um ajude o outro nas adversidades que o casal encontra. Esses laços transcendem o limite do grupo, criando amizades que se tornam importantes e vínculos como padrinhos e madrinhas. Esses vínculos acabam por tecer os relacionamentos em uma comunidade e dela com outras comunidades.

O mesmo acontece na realidade das crianças e jovens, dos filhos, o que foi destacado nas entrevistas pela preocupação dos pais de que os seus filhos tenham amizades dentro da igreja para que possam se manter na fé. Para o casal da 2ª entrevista, é importante participar de grupos dentro da igreja desde pequeno, para que a criança participe durante sua caminhada com mais vontade e de forma mais fácil, sem precisar obrigar ela, uma vez que ela vai criar as amizades neste ambiente e vai se sentir bem. E como o casal 8 criou os seus vínculos a partir dos amigos dentro do grupo, assim acreditam ser importante que as filhas façam suas amizades para poder ter suas trocas de experiência com pessoas da mesma idade, mas às vezes com realidades diferentes, e que também vivam a mesma fé.

As amizades dentro da Igreja, então, são vistas pelos pais como um grande motivador para que as crianças e jovens busquem a fé e participem. Além disso, os pais valorizam que, através da participação no grupo de crianças ou jovens, os filhos possam aprender sobre a fé de maneira mais divertida e lúdica, diferente da forma que recebem em casa, contando com a companhia de pessoas da sua idade.

Nisto podemos ainda sugerir que há nos pais uma ideia de que é bom que os filhos tenham seu próprio caminho dentro da fé, sendo de alguma forma independentes para criarem os seus próprios laços e relacionamentos na Igreja, o que garantiria maior satisfação neles em estar participando.

Portanto, para estes pais que participaram ou participam de algum grupo dentro da igreja, há um desejo de que os filhos vivenciem as mesmas experiências participando, ou experiências similares. Eles se propõem a levar seus filhos junto em suas atividades religiosas para inserir e transmitir essas vivências. Aqueles que, no momento, não estão participando de algum em específico, incentivam para que a criança já experiencie a realidade com a sua própria faixa etária. Assim, os pais conduzem dessa forma para que as crianças tenham um caminho de fé de algum modo similar, mas também para que, com isso, encontrem o seu próprio caminho dentro da igreja, através de uma participação ativa. Por fim, a participação da criança também é relacionada com o seu discernimento vocacional, o encontro do seu caminho particular dentro da fé no serviço aos demais quando adultos, como explica o casal da entrevista 6:

“se quer uma vocação religiosa, ótimo, né, mas se não quer, quer casar, beleza. Quer ficar solteira? Tranquilo né... Mas, que viva sempre a fé (...). A gente participa porque nos deixa felizes, mas que elas possam viver conforme elas sentem que devem viver.” [E6o]

4.3 Próxima geração da transmissão

Assim, como vimos, as entrevistas apontam o desejo dos pais de ver seus filhos continuarem com a fé, com a participação religiosa, tanto através de grupos e comunidades quanto formando suas próprias famílias para continuar a transmissão pelas gerações. Interessante notar que os pais possuem esse pensamento e entendem que os filhos serão a próxima geração de pais a transmitir a fé e querem subsidiar para que possam fazer isso. Apesar de a transmissão dentro da família estar perdendo credibilidade, ainda é uma ideia bem clara que seja algo familiar que não deve ser perdido.

Em algumas entrevistas, os participantes relacionaram as expectativas que têm para o futuro com a família dos filhos, explicando que querem ver seus filhos com suas famílias, ou encaminhados em uma vocação religiosa ou sacerdotal. Seja como for, que haja uma continuidade no trabalho que desenvolvem enquanto pais. A expectativa que possuem é de que a fé permaneça firme ao longo da vida dos filhos, o que significaria até mesmo uma recompensa para os pais pelo trabalho que eles fizeram na educação, uma certa recompensa relacionada ao esforço que despendem no presente.

Isso é expresso diversas vezes com as falas sobre o desejo de ver os filhos bem-sucedidos em suas escolhas, mantendo a fé da família e formando as suas próprias famílias com pessoas boas. Cabe aqui notar que, ainda que os pais entendam que devem dar maior espaço aos filhos para escolherem continuar na fé ou não, todos querem que os filhos realmente a escolham e permaneçam participando, em vez de abandonarem o cultivo da vivência religiosa em suas vidas.

Ao mesmo tempo em que possuem essas expectativas, eles sentem de certa forma uma responsabilidade para realizar na vida dos filhos o que eles esperam e gostariam que acontecesse. Os pais relacionam essa responsabilidade que têm com a história da sementinha, que deve ser plantada e regada para dar frutos. Plantar seria no presente, o esforço despendido, transmitindo a fé pra as crianças, e colher seria testemunhar a trajetória dos filhos dentro da Igreja por si mesmos no futuro. Alguns entrevistados percebem a urgência de se esforçar e prover uma boa educação e fazer mais, para colherem mais. Alguns ainda compreendem que fazem pouco para a fé dos filhos, em relação ao futuro que gostariam. Para um casal dos entrevistados, a maior expectativa é que eles consigam, que tenham essa capacidade, no sentido de proverem uma boa educação religiosa às filhas, de modo que sejam inseridas naturalmente e permaneçam na Igreja.

4.4 Sementes: o que os pais estão plantando

Tendo expectativas para o desenvolvimento na fé por parte dos filhos, e ainda com suas próprias histórias e experiências pessoais, os pais utilizam de certas

práticas e ocasiões no dia a dia para transmitir os valores e a vivência da fé. Como vimos, a educação dos filhos é encarada como uma sementinha que deve ser plantada e cultivada, para a família colher os frutos da fé madura. Os pais entendem que este processo deve ser gradual e desde cedo, para que a criança aprenda com os pais e se ambiente na comunidade, como na opinião de duas mães quanto mais cedo tu envolver a criança, mais ela vai se entrosar no ambiente e procurar amizades que sejam “de Deus”. Uma das formas é que os pais levam os filhos à participação comunitária da Missa desde pequenos.

Como um preceito católico, a Missa é referência para os pais nas entrevistas quando questionados sobre as práticas que possuem com a família ou mesmo quando alguns explicaram sobre sua relação com a fé. Outro hábito que recebe cuidado nas famílias entrevistadas é a oração, principalmente, antes de dormir e também nas refeições.

Nota-se que, apesar de alguns dos entrevistados terem dito que não possuem o hábito de rezar o terço em família, a própria menção por parte deles indica uma referência desta atitude como prática da fé católica. Essa referência que se sobressai pode ter sido uma opinião construída com base em vivência pessoal dentro da Igreja, percebendo uma importância, valorizando o ato e formando o seu hábito, ou por mero conhecimento coletivo, sem uma ideia clara pessoal da importância para si daquela prática, em que o entrevistado poderia ter feito a referência apenas por acreditar que deveria, por ser essa oração uma baliza popular de comportamento religioso. De qualquer forma, acreditam que a oração do terço é relevante para a educação da fé na família.

Algo que apareceu em algumas entrevistas foi a ideia de ir além de certas práticas para buscar hábitos no ambiente familiar em que a transmissão da fé é feita através dos momentos da rotina em que a família está junta. Um exemplo é a fala do pai na entrevista 6 “todo o momento é educação. Desde um filme que tu tá olhando, a um jeito como a criança às vezes tá sentada na mesa...” [E6o] Como diversos participantes explicaram, os valores morais são passados no dia a dia como os pais vão conduzindo a vida da família e as situações que aparecem. Foi citado como importante, em relação a isso, que se crie nos filhos os hábitos necessários para o aprendizado dos valores e na apreensão das práticas da fé. Essas oportunidades

diárias na família devem desencadear os momentos de conversa, quando o ensinamento é passado e explicado de uma forma que a criança entenda e acolha.

Outras maneiras que os pais utilizam para plantar e regar a semente da religião é utilizar de atividades lúdicas com conteúdo religioso, leitura de histórias bíblicas, trazer para a convivência familiar algumas práticas tradicionais como pedir a bênção aos mais velhos e manter em casa objetos religiosos, como altares, imagens de santos e água benta. Por outro lado, faz parte desta educação também o privar-se de conteúdos na TV e mídias que não fazem bem para as crianças e/ou que são contrárias às crenças da fé, assim como promover na família atividades e programas que fazem bem e que sejam com conteúdo de fé, como um entrevistado citou que assistem filmes com a vida dos santos da Igreja.

Conforme a opinião de alguns entrevistados, para a educação da fé é necessário que os pais despendam tempo com os filhos, em qualidade e quantidade, fazer atividades juntos, dar atenção e acompanhar a caminhada dos filhos. Foi levantado a importância de se ter paciência e diálogo neste processo, para não deixar as oportunidades de ensino passar e não deixar a correria do dia a dia interferir na educação que querem dar e no tempo necessário a isso. De forma complementar, isso exige que os pais tenham atenção para com as crianças. Uma mãe explica que procura acompanhar em tudo o que o filho faz e onde vai, pois entende que é principalmente sua responsabilidade de cuidar. Para ela é importante a sua presença para incentivar e apoiar o filho. Outro casal explica bem esse posicionamento com a decisão que tomaram para os compromissos que assumiram para eles e para a família: “a gente acaba não optando por fazer nada que a gente não possa levar elas junto. Não acredito que a gente possa ser uma ótima família de fé se a gente não puder tá junto.” [E6a]

Por fim, cabe ressaltar que a mais citada forma de educar e transmitir a fé é o exemplo. Os pais confiam que através das suas práticas diárias e a forma como se comportam os filhos assimilam com o tempo como devem também se comportar. O comportamento dos pais é, nesse sentido, uma referência que os filhos vão carregar ao longo de suas vidas e que, ainda que não compreendam, em algum momento vão acolher esse modo de vida para si. Isso inclui a vivência da fé e a prática de

valores morais. Em algumas falas, os pais demonstraram uma esperança em permanecer constante neste princípio, para que, em momentos futuros de dúvida que os filhos possam ter, o exemplo e a referência dos pais servirão como sustento para que os filhos tenham discernimento de como agir e ao que aderir.

4.5 Influenciadores externos

Ao comparar as entrevistas com a teoria, percebemos que se repetem alguns fatores que levam os pais a perceberem a importância da vivência cristã para a vida da família e, conseqüentemente, dos filhos. Uma das razões apontadas foi pelo apelo social dentro da Igreja, por ela ser uma via de ajudar outras pessoas, de projetos sociais e, por outro lado, de receber também ajuda nas dificuldades materiais ou espirituais, tanto das outras pessoas da fé quanto de Deus. Nesse sentido, os entrevistados dão importância para a ajuda divina, como fala a entrevistada nº 6: “esse é o grande benefício da fé. É saber que a gente não precisa resolver tudo sozinho, tem alguém maior por nós, nos cuidando, nos protegendo.” [E6a]

Deus dá o que cada um precisa na hora certa, considerando as diferenças entre cada um e as suas situações de vida, o que gera confiança e tranquilidade. Outro casal sente que Deus recompensa com coisas boas em suas vidas pelo bem que fizeram aos outros. Além disso, relacionar-se com o Deus que cuida gera um sentimento de segurança e proteção, em relação à preocupação que alguns pais têm de seus filhos na violência atual. Em três entrevistas a fé foi relacionada à ajuda em dificuldades e problemas de saúde, quando Deus cuidou para que cirurgias na família obtivessem sucesso. Podemos traduzir esses temas levantados pelos entrevistados como a busca, ou pelo menos o acolhimento, de benefícios ligados à fé: confiança, tranquilidade, proteção, segurança, cura de enfermidades.

Algumas motivações podem ser interpretadas através das falas nas entrevistas que revelam sentimentos que a fé gera e que fazem os pais quererem continuar com ela na sua vida e na de sua família. São eles: paz, tranquilidade, felicidade, força (para passar pelas dificuldades), alívio (do fardo), esperança, confiança, segurança/proteção e amor. Além disso, os entrevistados opinaram que a

fé alimenta o ego, faz alguém sentir-se bem e transmite aprendizados, tanto na participação nas Missas com as leituras e homilias, quanto no dia a dia em que Deus ensina através de situações adversas, tira das dificuldades os aprendizados para a superação e o amadurecimento pessoal e da fé. A isso se relaciona a ideia de que Deus prevê o caminho pessoal de cada um e planeja certos acontecimentos para o bem deste e daquele que vão passar por tais situações de vida, ainda que desafiadoras.

Esses fatores que levam a motivação, conforme vimos na literatura, revelam uma orientação extrínseca nos participantes, pois são fatores externos, e uma tendência de uma fé mais egoísta e centrada em si do que no próprio Deus, a figura central da fé. Aqui, devemos ressaltar que uma fé egoísta, conforme vimos em Kahoe (1985), é aquela que busca benefícios externos à religião em aderir e participar, como os citados acima e anteriormente no trabalho, podendo ser a busca também por benefícios para a família e não somente para si mesmo. Isso podemos notar que os pais buscam participar da fé e trazer a religião para a vida dos filhos para que eles compartilhem dos benefícios da fé, assim como seus pais.

Outro fator que também influencia a fé dos entrevistados é por ela ser percebida como um guia na vida de quem crê, que aponta um caminho, uma luz que fica à frente iluminando e mostrando por onde as pessoas devem andar.

Isso nos leva à outra motivação exterior relacionada muitas vezes à fé que é a educação moral e ética, pois muitas vezes a fé é tida como um guia por apresentar moral e ensinar modos de comportamento que vão guiar o agir das pessoas para o bem ao longo da sua vida. Portanto, a fé é querida pelos pais aos seus filhos para que estes tenham maior base em uma educação moral. Percebemos que essa educação e os valores que a Igreja transmite são entendidos como essenciais para que a pessoa se torne uma boa pessoa e boa cidadã. Entretanto, muitas vezes não se relaciona esse aprendizado com o amadurecimento próprio da fé em alguém, nem para que a pessoa se torne uma boa pessoa cristã, engajada com a fé e a religião. Esses valores, portanto, podem ser percebidos por alguns pais como separados de uma vivência profunda da própria fé.

Muito mais explorada nas entrevistas, entretanto, é a união da família como um fator de influência da vivência familiar da fé. Todos os entrevistados citaram de alguma forma, direta ou indiretamente, a união da família como um benefício da fé e, portando, um fator motivacional para a vivência cristã dentro do lar. Por outro lado, a própria vivência da fé na família é considerada um fator de promoção da união entre os membros dela, entre pais e filhos. União familiar e vivência familiar da fé cristã parecem ser, portanto, dois constructos interligados positivamente.

Não existe família sem união, então transmitir a fé na família necessariamente exige união. Assim, trazer a fé para o convívio familiar, principalmente com os filhos, fortalece o relacionamento e sustenta a família. Acontece dessa forma através dos valores tratados acima, que incentivam o bem e o cuidado mútuos no convívio, diminuindo brigas e conflitos. Como Georges Chevrot (2015, p. 10) explicou “O lar de cada um será um lar cristão se nele todos rivalizarem em delicadezas uns para com os outros.” Além disso, acredita-se que a oração sustenta e traz melhoramentos para a família, pois a coloca aos cuidados de Deus, que ajuda a trazer amor e harmonia, bondade e lealdade, como citado nas entrevistas.

Podemos pensar, no entanto, que se em algum caso a união da família seja a única ou mais forte motivação da participação religiosa e de transmitir uma tradição cristã, qualquer outro ambiente ou iniciativa vai poder ser tão boa quanto se suprir este benefício de, pelo menos em algum nível, trazer valores éticos para o convívio familiar e educação infanto-juvenil, como esportes, escoteiros e tradições locais regionais. Assim como para qualquer dos benefícios percebidos na religião, citados acima, a união e os demais fatores externos de participação e transmissão da fé, não serão suficientemente importantes para manter as famílias na religião, se não estiverem atrelados e não levarem aos fatores internos de motivação. Talvez seja essa uma suposição para a diminuição de católicos já vista anteriormente.

4.6 Motivação interna

Utilizando dos conceitos explorados na teoria acima, podemos perceber que apenas uma parte dos pais deu razões intrínsecas para a sua participação na igreja

e vivência de fé na família. Aqueles que o fizeram não deixaram também de dar razões extrínsecas, confirmando a posição de Kahoe (1977, 1985) que diz, como vimos anteriormente, que a maioria dos fiéis possui orientação extrínseca e poucos, em comparação, chegam a uma orientação intrínseca ao longo de sua caminhada numa comunidade religiosa, mas que ambas dimensões podem estar na mesma pessoa em algum nível.

Os indicadores ao longo das entrevistas com os quais podemos sugerir uma motivação interna, conforme aquilo que já encontramos na literatura, é ter um relacionamento com Deus, descrito também como um encontro com Deus, com Jesus; e o Céu, relacionado ao fim último, à expectativa de vida após a morte. O primeiro, nós podemos compreender através da fala da 8^a entrevista, respondendo o porquê de ainda estar participando da igreja: “Eu acho que é porque um dia a gente encontra com Jesus, né. Um dia ele tocou de forma diferente, né, a cada um de nós, em momentos diferentes.” [E8a] Para estes entrevistados, esse acontecimento gera uma mudança que “não tem mais como tu volta atrás, assim, tu não consegue mais ser a mesma pessoa.” Outro casal relaciona seu envolvimento com a transformação que tiveram em suas vidas pela ação de Deus.

A orientação intrínseca, possivelmente presente em menor ou maior grau em alguns entrevistados, pode ser percebida através de relatos sobre a adesão à religião pela fé mesma, buscam a vida da fé como um fim apesar dos demais benefícios como meios. Como visto na literatura, essa orientação está naqueles que amadurecem a fé através de processos graduais de conversão, o que em alguns participantes se deu com o envolvimento em grupos de jovens e/ou de casais.

Ainda que não foi relatado diretamente uma motivação dessas para a transmissão da fé aos filhos, podemos notar a relação que os participantes fazem: tiveram um encontro com Deus e experiências com a fé através da participação na Igreja e na comunidade, o que os leva a querer continuar vivenciando isso. Assim, desejam para os filhos as mesmas experiências e contato com a Igreja, como exploramos anteriormente, o que trará para eles essa expectativa de encontro com Deus e de vida após a morte. Em outras palavras, a motivação interna dos pais em viver a fé se torna uma motivação externa em relação aos seus filhos participarem e viverem da mesma forma, também buscando viver para uma recompensa divina.

O Quadro 4 mostra um resumo dos relatos em cada um dos principais temas abordados nas entrevistas. Como já exploramos, alguns dos participantes percebem como a recompensa maior em ser cristão o Céu, levados pelo encontro e experiências que tiveram com Deus. Apesar disso, todos percebem algum benefício em suas vidas que podem vir da vivência da fé e participação na Igreja. Assim como a mãe da 8ª entrevista explica, a recompensa é o Céu, mas aqui na terra já possuem uma recompensa que buscam de viverem bem. Esses benefícios são relacionados com a imagem do Deus pessoal com o qual se relacionam: aquele que cuida, que guia, que protege, que conforta. A partir destes, os pais sentem outros benefícios, por exemplo, se Deus cuida, então me sinto protegido e em segurança.

Portanto, relacionando com o conceito de orientação religiosa, podemos perceber que os benefícios levantados nas entrevistas são, em sua maioria, indicadores de uma orientação extrínseca, em maior ou menor grau. Apesar de podermos identificar nas falas os fatores que indicam uma ou outra orientação, não podemos definir aos participantes as suas orientações de forma específica. Pois, além da entrevista ser limitada para uma definição tão abrangente, também já vimos que essas orientações podem ser sobrepostas e possuir graus, como um *continuum* (KAHOE, 1985), o que exigiria outra pesquisa para ser explorado.

Em relação às expectativas, vimos na literatura que elas indicam a motivação dos pais, uma vez que participam, pois esperam que algo se realize, educam seus filhos na fé, pois possuem expectativas para que certas consequências disso se dêem no futuro deles e da família. Resumindo o que já encontramos, o que leva os pais a trazerem a vida de fé aos filhos é a expectativa de que eles tenham uma família no futuro, uma vocação, e que com isso continuem na igreja. Os pais possuem expectativas de que seus ensinamentos possam continuar com os filhos assim como uma “voz” que os acompanha e guia.

Quadro 4: Respostas por temas abordados nas entrevistas

Entrevistas	Benefícios	Recompensa	Expectativa	Importância	Práticas	Transmissão
E1	Sentir-se bem; paz	Fé; ajudar o próximo	-	União, não ter brigas na família.	Oração no momento das refeições e à noite.	Grupo de jovens; presença da mãe nas atividades.
E2	Perceber Deus cuidando das suas vidas; providência nas necessidades; bênçãos recebidas	O filho	Que ele conheça o valor da Igreja em sua vida e que pratique	Paz; harmonia, saúde e amor na família	Missa, oração.	Exemplo; participação conjunta na Igreja
E3	Aprender e ser uma pessoa melhor; ajudar os outros; conquistas; luz que guia a caminhada; ajuda nas dificuldades	União da família	Que continuem e tenham os ensinamentos dos pais como referência na vida	-	Pedir a bênção aos pais; oração antes de dormir; utilizar água benta	Exemplo; mostrar o que é certo ou errado; conversar; união e convivência familiar
E4	Amizades; alimenta o ego	Apelo social e ajudar o próximo	Que viva experiência de grupo	Valores para a união da família	Ajudar o próximo	Exemplo; diálogo
E5	Proteção, confiança/segurança	Céu	Que formem família com pessoas boas e continuem atuantes na Igreja	Para serem pessoas boas; ter um rumo e sustento para família	-	Conduzindo nas ocasiões do dia a dia; conversar
E6	Relacionamento com Deus; tranquilidade; proteção e cuidado	Ver famílias mudadas, transformadas através do trabalho da comunidade	Converter as pessoas enquanto família; que as filhas dêem testemunho; formem uma boa família	Serem mais humanos; pensamento perene da Igreja	Missa; orações ao longo do dia, no início e antes de dormir; terço da misericórdia	Exemplo; ensinar o que é certo ou errado; paciência e tempo; diálogo e atenção; ocasiões do dia a dia
E7	Conquistas; ser atendidos nas orações	Céu	Que seja perseverante na fé	Para entender o sentido da vida cristã e receber os valores	Missa; terço	Mostrar ensinamentos de Cristo
E8	Amizade; compartilhar experiências; apoio da comunidade	Céu; ser feliz; família direita; estar com Jesus	Que continuem e que os pais consigam educar e ser exemplo; inserir elas de forma natural	Troca de experiência com outras famílias; criar vínculos	Missa; oração nas refeições e antes de dormir	Atividades relacionadas à fé; criar hábitos nelas; ocasiões do dia a dia
E9	Esperança; força e alívio nas dificuldades	Ver os filhos na Igreja e continuar com suas famílias	Que continuem e que sejam bons vocacionados, seja como padre ou pai e esposo	-	Missa; oração antes de dormir; visita da capelinha; histórias bíblicas	Exemplo; ocasiões do dia a dia; não assistir novelas; conversar

Fonte: Elaborado pela autora.

Aqueles pais que possuem maiores expectativas, principalmente em relação ao Céu como uma recompensa a ser buscada (LAVRIČ; FLERE, 2011), aceitam mais custos tanto em sua participação, quanto nos esforços de educar e transmitir a fé, pois querem atingir essa recompensa e querem que as crianças também vivam de modo a chegar lá. Já os pais que possuem menos expectativas, ou deixam o futuro mais aberto conforme a aceitação dos filhos, aceitam menos custos, e vemos que podem chegar a dedicar menos tempo ao relacionamento com os filhos e da família com a fé.

4.7 Papel da Igreja na educação dos filhos

Ainda que a transmissão da fé esteja se enfraquecendo no seio das famílias, é significativa e intransferível o papel delas na promoção da educação católica. Diante disso, a Igreja deve favorecer envolvimento e ambiente adequado não só para as crianças e os jovens, mas para os pais e para a família, uma vez que encontramos que elas utilizam as oportunidades inseridas na rotina do dia a dia para educar, viver a fé e transmitir os valores.

Portanto, entendendo as vivências e opiniões dos pais em relação a sua própria fé e a educação dos filhos, devemos também levar em consideração a relação deles com a própria Igreja e como entendem que ela contribui ou não para a educação cristã dos filhos. É importante a Igreja se atentar a isso, pois tem a oportunidade de criar diversas formas de passar os ensinamentos da fé através desses momentos rotineiros, envolvendo todas as idades e ganhando maior força em sua missão.

Alguns entrevistados encontram na Igreja apoio e pessoas que possam auxiliar na conversa com os filhos em situações adversas. Além disso, como vimos anteriormente, a comunidade de pessoas dentro da Igreja, que se encontram por uma mesma fé, serve de sustento e alimento para a própria fé dos pais. Podemos perceber com as falas dos entrevistados que o apoio da comunidade traz maior segurança às ações dos pais para educar.

Soma-se a isto um fortalecimento que a Igreja provê por ter o verdadeiro conhecimento e capacidade para educar e transmitir a doutrina (tanto em sentido de habilidade para isto quanto em sentido de poder fazê-lo). Assim, a Igreja é complementar ao papel dos pais do amadurecimento da fé cristã, devido poder aprofundar aquilo que, idealmente, os pais fazem na infância dos filhos. Em outras palavras, é significativa a visão de que família e Igreja possuem um trabalho conjunto na educação e transmissão da fé. Como o pai da entrevista 2 explica “às vezes (a gente) não consegue transmitir tudo o que deveria” e é a Igreja que vai “mostrar pra ele (filho) realmente como tudo funciona.” [E2o] Para isso, atenta-se para a homilia durante a Missa que, como explicado por uma mãe, poderia servir mais para ajudar com esclarecimentos da fé, tanto para as crianças, mas principalmente para os adultos.

Diante disso, os pais entrevistados percebem o seu limite de conhecimento para tal tarefa, que deve ser suprido pela instituição. Podemos intuir que há, em alguns entrevistados, uma ideia de que vão transmitir aquilo que receberam, mas que não seria necessário ir além e buscar maior conhecimento sobre a fé, uma vez que a comunidade seria responsável por isso.

Por outro lado, um casal de pais relatou a necessidade de que a Igreja ajude mais os pais, principalmente aqueles com filhos pequenos, com informações e subsídios, para que possam cumprir o seu papel de educadores. Para eles, está faltando nas paróquias formas de formar os pais, de modo que tenham mais conhecimentos de questões relacionadas à Igreja e à fé e que sejam importantes para a formação da criança. Tudo isso para que o ensino da fé chegue nela mais cedo e mais eficazmente, assim como as escolas recebem as crianças bem mais novas.

Sobre o exemplo coletivo que a criança pode receber, foi levantado que na Igreja, na comunidade, as crianças podem vivenciar e praticar aquilo que ouvem os pais explicando, como a oração conjunta, a ajuda às pessoas necessitadas e as virtudes na convivência com os demais. Nisso, elas absorvem o exemplo de recebem dos demais que participam com a família da fé. Esse convívio com as situações que a comunidade oferece faz parte das oportunidades que os pais encontram para educar e transmitir os valores, como nas pequenas coisas que as

crianças podem auxiliar quando estão acompanhando seus pais em algum compromisso religioso. Assim explica uma mãe: “Seja carregando uma cadeira (...) Elas tem que tá junto, tem que tá aprendendo. Não precisam tá o tempo todo num escorregador. Acho que neste convívio se ensina muito também” [E6a].

A Igreja é vista como uma instituição que promove a causa das pessoas necessitadas e, por isso, também é considerada importante para que os filhos aprendam a ajudar, a trabalhar e servir outras pessoas, ser humilde e a dividir, sendo por esse fator um incentivo para os pais. Como citado por eles, destacam-se o auxílio para moradores de rua, as campanhas de alimentos e roupas e o permanente trabalho de pastorais que recebem doações de diversos tipos para redistribuir a famílias carentes.

Por outro lado, um entrevistado sugeriu que a Igreja ainda precisa abrir-se mais ao diálogo e à transparência diante dos fiéis, necessário para chegar nas pessoas mais jovens, nessa atual geração de filhos. Chamou-se a atenção também para a alegria que muitas vezes falta nos católicos, que aparentemente se encontra mais em outras religiões. Uma entrevistada salienta que é importante que as comunidades se mostrem mais alegres, demonstrando gratidão e acolhimento, o que pode ser uma falta de algumas delas. Junto a isso, há o papel do padre que, para os entrevistados, influencia na participação da comunidade e, conseqüentemente, também influencia na forma como os filhos encaram a Igreja, juntamente com a forma com a qual os pais lidam com as situações enfrentadas diante das pessoas na comunidade.

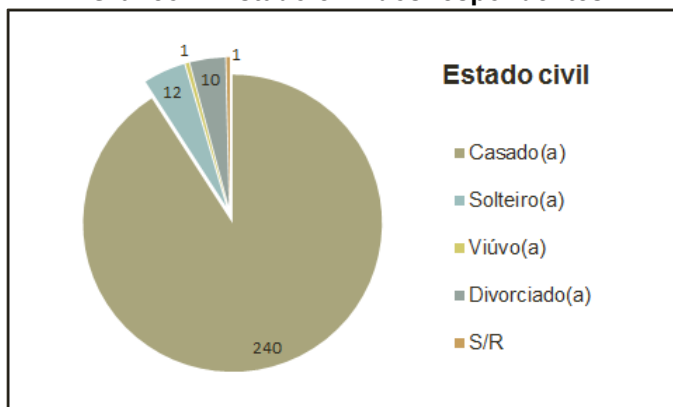
As opiniões dos pais tomaram por base uma visão de Igreja como instituição formada por um grupo de pessoas, do qual o “eu” é parte integrante. Nota-se isso, além das ideias relacionadas acima de que as pessoas da Igreja dão apoio e suporte aos pais na educação das crianças, pelas falas em que os próprios pais consideram que devem também melhorar para que a comunidade melhore, que possuem falhas que possivelmente corroboram para as falhas da Igreja. Surgiu o entendimento de que a Igreja às vezes é atacada por falhas das pessoas que participam e dos líderes, mas que devemos levar em consideração que aqueles são pessoas que erram, como ocorre em outros setores da sociedade, e que cada um deve tomar parte para que se cresça e se melhore enquanto comunidade.

Por fim, cabe notarmos que para alguns entrevistados a vivência da fé que buscam ter na família objetiva trazer a Igreja para dentro de suas casas. Como diz a mãe da entrevista 9: “tem vários detalhezinhos que a gente faz durante a semana, né, que a Igreja tá ligada com a gente.” [E9a] Assim, viver a fé em família de modo que a Igreja esteja presente na rotina dos pais e dos filhos, não somente em algumas práticas, mas em um estilo de vida cristão, forma a chamada Igreja doméstica, lugar apropriado para a transmissão da fé. Isso, como já comentamos acima, deve ser objetivo da Igreja na promoção de seus valores e doutrina.

5 ANÁLISE DOS RESULTADOS DA ETAPA QUANTITATIVA

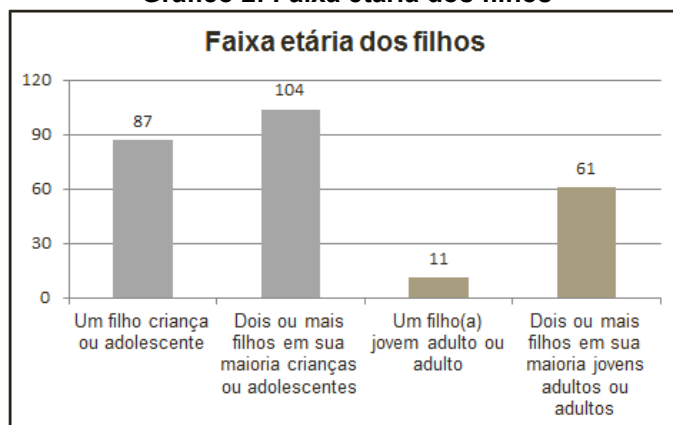
Para o trabalho, foram utilizadas 264 respostas obtidas no questionário online, devido as 53 que tiveram de ser retiradas por não se adequarem ao público-alvo da pesquisa. Destas 264, vemos no Gráfico 1 que a grande maioria são pessoas casadas (91,3%), provavelmente devido o questionário ter sido divulgado para pessoas ligadas a grupos da Igreja, como grupos de casais. O questionário não contemplou questão a cerca da idade dos respondentes, mas podemos relacionar as possíveis faixas etárias com as respostas sobre as faixas etárias dos filhos. Como segue no Gráfico 2, houve uma dispersão de respostas, porém o grupo com maiores respondentes é de famílias com dois ou mais filhos, sendo a maioria criança ou adolescente (39,5% das respostas).

Gráfico 1: Estado civil dos respondentes



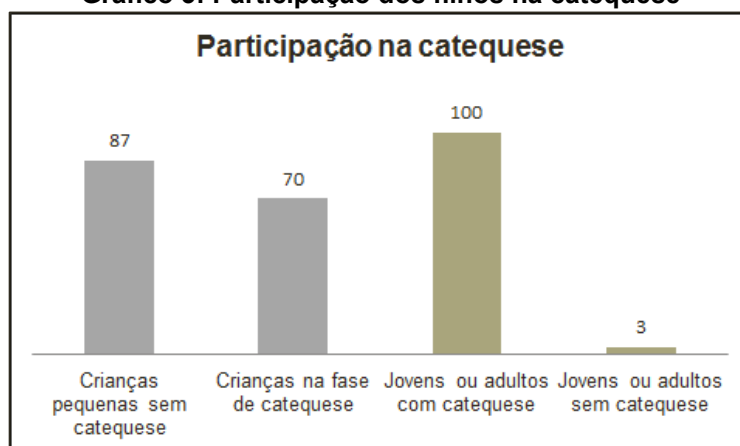
Fonte: Elaborado pela autora.

Gráfico 2: Faixa etária dos filhos



Fonte: Elaborado pela autora.

Gráfico 3: Participação dos filhos na catequese



Fonte: Elaborado pela autora.

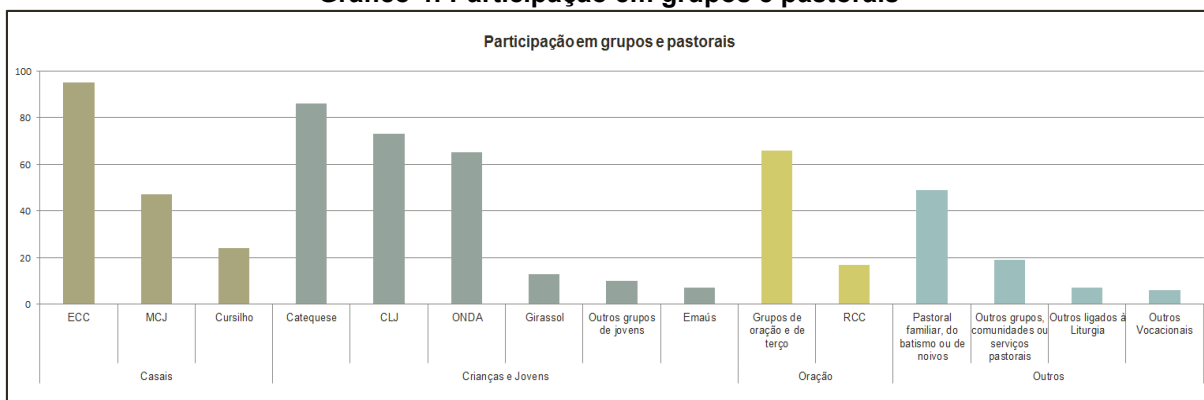
Além disso, a maioria dos respondentes possui filhos em idade de catequese ou filhos maiores que já tenham feito as etapas de catequese. Como vemos no Gráfico 3, as opções no questionário que eram “Estão fazendo a catequese de eucaristia ou crisma neste ano” e “Já fizeram a catequese há pouco tempo” na análise foi unidas em “Crianças na fase de catequese.” Um pequeno grupo de 3 respondentes possui filhos jovens ou adultos que não fizeram essas etapas e outro grande grupo são de filhos pequenos que ainda não chegaram nesta fase. Vemos que, de forma geral, essas etapas de catequese ainda são relevantes para os pais, que valorizam que seus filhos participem e cumpram.

A pergunta introdutória ID mostra que apenas 22 respondentes (8,4%) não participam e nunca participaram de nenhum grupo ou pastoral da Igreja Católica. Ainda assim, estes 22 possuem práticas na rotina familiar, como conversar sobre a fé, ler histórias bíblicas e estudar sobre a história de Igreja Católica. O mais citado neste grupo, por 6 dos participantes, foi a oração do terço. Com isso podemos intuir que, apesar de não participarem regularmente de encontros na comunidade de fé através de grupos, possuem hábitos religiosos dentro da família.

Por outro lado, a maioria dos demais respondentes tem ou teve contato com mais de um grupo ou pastoral, seja frequentando atualmente ou que já tenha frequentado em outro momento de sua vida. Entendemos com isso que o público alcançado pelo questionário é, na maioria, pessoas que já possuem “caminhada” dentro da Igreja, ou seja, que já vêm (muitas vezes) há anos frequentando mais ativamente e construindo a sua vida com e através da participação religiosa. 81

respondentes indicaram participação em 1 grupo ou pastoral, 56 indicaram participação em 2 grupos ou pastorais e 104 indicaram já terem algum envolvimento com pelo menos 3 grupos ou pastorais em sua vida, com o máximo de 8 para 2 respondentes. Ou seja, importante reiterar que a pergunta ID era aberta para os respondentes selecionarem diversos grupos com os quais já tenham tido contato e participação, resultando no Gráfico 4 abaixo.

Gráfico 4: Participação em grupos e pastorais



Fonte: Elaborado pela autora.

O grupo com maior número de participantes na pesquisa foi o ECC, Encontro de Casais com Cristo. Já a participação que se segue foi a Catequese, porém isto pode significar que ao o respondente é/foi catequista, ou o respondente selecionou por seu(s) filho(s) estar(em) participando na catequese. Destacam-se os grupos de jovens, relevantemente CLJ (Curso de Liderança Juvenil) e ONDA (Objetivos Novos do Apostolado) com grande peso entre os respondentes. Os adultos que participaram da pesquisa podem ter contato com estes grupos e pastorais como “tios” acompanhantes dos jovens, ou mesmo já ter tido contato durante a juventude participando desses grupos. De uma forma ou de outra, a presença dos grupos de jovens é marcante para as famílias, seja no papel que desempenham com os filhos ou que já desempenharam na caminhada de aprofundamento daqueles jovens que hoje são pais.

Essa realidade de participação, veremos, influencia o restante dos resultados do questionário, pois a grande maioria já vem de uma caminhada de aprofundamento da fé e participação mais ativa. Podemos mesmo sugerir que, dada essa participação ativa, para a maioria dos respondentes é mais comum falar sobre o tema religioso e podem até já ter feito reflexões e questionamentos similares aos

propostos por este trabalho. Devido a isto, provavelmente, notemos que 21 respondentes selecionaram em todas as 54 questões o valor "5" na escala e outros 53 respondentes selecionaram "5" para 50 ou mais questões. Por outro lado, apenas 8 respondentes marcaram o valor "5" pra 10 ou menos questões.

Em geral, portanto, podemos dizer que aos participantes são casados, com filhos crianças e que já tiveram envolvimento com vários grupos da Igreja ao longo de sua vida. São pessoas que já frequentam mais ativamente e, portanto, já possuem uma ideia mais clara de transmitir a fé aos filhos, assim como vimos nas entrevistas. Devido a estas características e ao público-alvo pouco heterogêneo, os resultados também foram pouco variados.

A Tabela 1 abaixo mostra que os valores de respostas foram altos, tendo quase todas permanecido nos valores 4 e 5 da escala. A média geral é de 4.58 e a média de desvios padrão é 0.78, ou seja, houve poucas variações partindo da média e dos valores mais altos da escala. Nisto, chamamos a atenção para a afirmativa VF6 ("Quero que meus filhos aprendam valores"), que obteve a maior média do questionário (4.97) e o menor desvio padrão (0.18). O resultado converge para o exposto na literatura, que mostra que o aprendizado de valores, não somente cristãos, mas éticos e mesmo sociais, é um motivador para os pais transmitirem seus filhos a fé, tanto para aqueles que já participam quanto para aqueles que não participam por si e não compartilham a fé. Referindo-nos a este grupo de participantes, praticamente todos vêem uma importância em apresentar valores aos filhos através da Igreja.

Já a questão SM6 ("Percebo que minha participação e da minha família na fé e na igreja é indiferente na vida de outras pessoas") registrou a menor média, com 2.81. Este resultado era esperado para ser diverso daquele para a afirmativa SM5, pois ambas são de certa forma contrárias. Enquanto numa o participante deve responder conforme consequências positivas de sua participação para outras pessoas, noutra deve responder se acredita ser isto indiferente aos outros. Portanto, este resultado da afirmativa SM6 tende a confirmar aquele da SM5, que registrou 4.60 de média. Ainda assim, diversos participantes selecionaram opções de valor alto na escala (5 e 4) em ambas as afirmativas, levando-nos a considerar que ou acreditam ser esta realidade concomitante possível dependendo de quem são as "outras pessoas" que as afirmativas se referem, ou não compreenderam o caráter

oposto delas. De qualquer forma, com isso já podemos confirmar que os grupos são relevantes para os participantes e que eles sentem que a sua participação é boa não somente a si mesmo, mas atinge e influencia positivamente outras pessoas.

Chama-nos a atenção para o grupo de questões “FX” sobre os fatores externos de influência sobre a fé, mais especificamente da influência histórica familiar dos pais. A média individual de todas as afirmativas ficou abaixo da média total do questionário e a média do grupo foi de 3.97. Similarmente, os desvios padrão de todas as afirmativas foram muito superiores ao do total do questionário e a média de desvios padrão do grupo foi de 1.39. Portanto, foi o grupo de menor média e maior desvio padrão nas respostas. Isto nos mostra que, apesar do que vimos acima sobre a homogeneidade dos participantes, houve dispersão de opiniões relativas ao ensinamento que os pais receberam de seus pais. O grupo de respondentes está menos unido e mais incerto ao pensar sobre a importância e relevância da educação que tiveram para a vida de fé que têm atualmente.

Ainda, a afirmativa que recebeu menores pontuações foi a FX4 (“A forma como meus pais transmitiram a fé foi suficiente para eu continuar participando da Igreja na vida adulta”). De fato, esse resultado confirma o que já analisamos precedentemente acerca do enfraquecimento da família em transmitir efetiva e suficientemente a fé e o papel importante desempenhado pelos diversos grupos em complementar a educação religiosa dada pelos pais.

Outro resultado esperado é para o grupo BN, sobre os benefícios que vêm com a fé, que ficou com valores altos nas respostas e com o menor desvio padrão, empatando com o grupo VF na maior média (4.82). Assim, as respostas, em sua maioria, estão concentradas nos valores 4 e 5 da escala e o grupo de respondentes torna-se quase homogêneo em relação ao tema. Eles percebem e sentem em suas vidas esses benefícios da fé, podendo ser uma indicação de que estes benefícios também influenciam a decisão de transmitir a fé aos filhos, para que vivam também desta forma e recebam essas recompensas em suas próprias vidas, como vimos já nas entrevistas. Como ambos BN e VF tiveram resultados similares, podemos ainda concluir que assim como os pais valorizando os benefícios da sua fé e a fé para a sua vida, valorizam e sabem ela ser importante para a vida da família e dos filhos.

Tabela 1: Médias das afirmativas por grupo de tema

Afirmativas		Média	Mediana	Desv. Padrão	Minimo
BN1	Paz e tranquilidade	4,79	5	0,60	1
BN2	Fé como um guia, luz para a família	4,89	5	0,43	1
BN3	Aprendizados na vida	4,88	5	0,42	1
BN4	Importância das amizades da fé	4,78	5	0,58	1
BN5	Importância do apoio da comunidade	4,61	5	0,80	1
BN6	Esperança	4,93	5	0,35	1
BN7	Proteção e segurança	4,85	5	0,52	1
BN8	Sentir-se bem ao participar	4,80	5	0,59	1
BN9	Viver a fé traz felicidade	4,85	5	0,47	1
Média Benefícios (BN)		4,82		0,53	
VF1	Importância dos filhos conhecerem a fé	4,91	5	0,41	1
VF2	Importância de levar os filhos na Igreja	4,81	5	0,64	1
VF3	Importância para os filhos que eles participem	4,79	5	0,60	1
VF4	Família melhor com a religião	4,76	5	0,68	1
VF5	Família melhor com educação na fé cristã	4,85	5	0,51	1
VF6	Aprender valores	4,97	5	0,18	3
VF7	Comprometidos com a vida católica	4,74	5	0,74	1
VF8	Importância do convívio com famílias da fé	4,68	5	0,77	1
Média Vida Familiar (VF)		4,82		0,57	
SM1	Incentivar os filhos a participar da Igreja	4,60	5	0,81	1
SM2	Participar junto da Igreja	4,39	5	1,06	1
SM3	Fé traz união da família	4,74	5	0,66	1
SM4	União da família ajuda a transmitir a fé	4,82	5	0,54	1
SM5	Nossa participação ajuda outros	4,60	5	0,74	1
SM6	Nossa participação é indiferente aos outros	2,81	3	1,61	1
SM7	Me sinto bem ao ajudar os outros	4,95	5	0,31	1
SM8	Me sinto bem ao ajudar na Igreja	4,80	5	0,50	2
SM9	Maior vontade de participar quando engajado	4,55	5	0,86	1
SM10	Motivação pela participação em grupos	4,25	5	1,24	1
SM11	Maior vontade de participar quando acolhido	4,46	5	0,99	1
SM12	Sinto-me melhor na Igreja com amigos lá	4,36	5	1,06	1
SM13	Importância do padre	4,06	5	1,17	1
SM14	Melhor educar na fé quando tem atividades	4,40	5	1,05	1
SM15	Aprender doutrina com a comunidade	4,25	5	1,07	1
Média Situações de motivação (SM)		4,40		0,91	
FX1	Adesão através de minha família	4,23	5	1,30	1
FX2	Vontade de participar através da família	3,97	5	1,40	1
FX3	Concordo como fui educado na fé	3,90	5	1,43	1
FX4	Educação recebida suficiente para participar	3,64	4	1,56	1
FX5	Influência de como recebi	4,05	5	1,36	1
FX6	Transmitir como aprendido	4,04	5	1,31	1
Média Fatores Externos (FX)		3,97		1,39	
FN1	Recompensa por esforços na terra	4,31	5	1,03	1
FN2	Relacionamento com Deus no dia a dia	4,76	5	0,54	1
FN3	Comprometido com a fé	4,53	5	0,74	1
FN4	Sentir a presença de Deus	4,81	5	0,56	1
FN5	Relação com Deus transformou a vida	4,83	5	0,56	1
FN6	Fé dá sentido para a vida	4,88	5	0,45	1
FN7	Aprender a fé ajuda a ter proximidade com Deus	4,68	5	0,80	1
FN8	Feliz ao seguir os mandamentos	4,80	5	0,60	1
Média Fatores Internos (FN)		4,70		0,66	
TR1	Importante que consiga transmitir	4,88	5	0,45	1
TR2	Importante para mim que a família tenha fé	4,86	5	0,48	1
TR3	Querer que os filhos continuem a participar	4,86	5	0,53	1
TR4	Importância do exemplo	4,90	5	0,37	2
TR5	Cuidar do comportamento para ter exemplo	4,61	5	0,78	1
TR6	Conversar sobre a fé católica	4,48	5	0,92	1
TR7	Despender tempo com os filhos	4,53	5	0,91	1
TR8	Responsabilidade sobre o futuro dos filhos	4,56	5	0,88	1
Média Transmissão (TR)		4,71		0,67	
Total		4,57	5	0,78	1

Fonte: Elaborado pela autora.

Já um resultado que, ainda que com participação alta de valores “4” e “5” da escala, ficou um pouco mais abaixo em relação aos demais foi o SM13 (“A pessoa do padre é importante para que eu goste de participar da comunidade de fé”). Nas entrevistas o papel do padre na comunidade foi levantado como significativa para o acolhimento da comunidade e a boa vivência da fé, o que poderia sugerir um resultado com maior valoração pelos respondentes do que o ocorrido: a média foi de 4.06 com 138 respostas “5”.

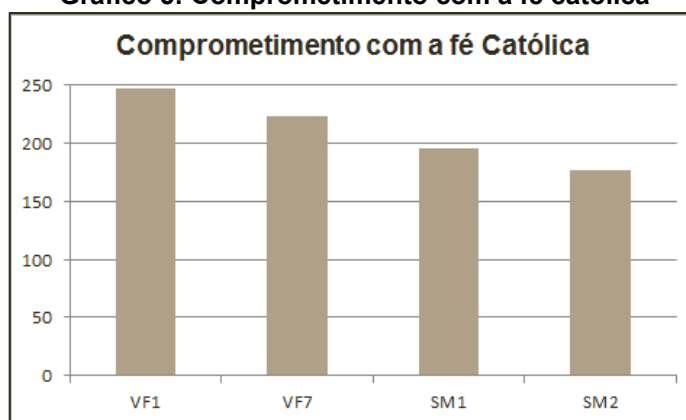
Outro ponto que vale comentar são as afirmativas TR4 (“Percebo que é importante para a educação de meus filhos o exemplo que eu dou”) e TR5 (“Cuido de meu comportamento religioso para que meus filhos façam como eu”). Apesar de 91,2% dos respondentes escolherem “5” na primeira, este número baixou para 73,8% na segunda. Enquanto na primeira houve 2 respostas apenas marcando entre “1” e “3”, na segunda houve 23 marcando opções da escala de 1 ao 3. Para estes participantes, sabe-se que os filhos aprendem pelo exemplo, mas nem todos realmente cuidam de qual exemplo estão passando aos filhos, o que nos leva a compreender que nem todos os pais estão certos de qual tipo de educação transmitem e porque, ou qual gostariam e por que.

Ainda sobre a importância da fé na vida dos filhos, explorada no grupo VF, as afirmativas demonstram de uma forma mais indireta o que vimos na literatura e nas entrevistas sobre a tendência atual dos pais deixarem os filhos com maior livre arbítrio no que tange à fé e à religião. Na VF1, sobre a importância em *conhecer a fé*, 93,9% dos participantes responderam “5” na escala e outros 4,6% responderam “4”. Porém, acompanhamos as afirmativas seguintes com respostas cada vez mais dispersas, excluindo disso a VF6, que já comentamos acima, até chegarmos na VF7 (“Quero que meus filhos sejam *comprometidos* com uma vida cristã católica”) com 84,8% de respostas “5”.

Essa descida continua no grupo seguinte (SM), sobre as situações que podem engajar os pais e influenciá-los na transmissão da fé. 74,4% responderam “5” para a SM1 (“Incentivo meus filhos a participar das atividades da Igreja”), mas 67,3% responderam “5” na SM2 (“Participo junto com meus filhos das suas atividades na Igreja”). De fato, aparentemente, a maioria dos pais quer a fé para os filhos, porém o número diminui daqueles que possuem a mesma veemência em ter nessa fé a Igreja

Católica, menos são os que incentivam os filhos nas atividades na Igreja e menos ainda os que participam junto, como mostrado no Gráfico 5.

Gráfico 5: Comprometimento com a fé católica



Fonte: Elaborado pela autora.

Considerando que os respondentes deram valores altos na escala para praticamente todas as afirmativas e, assim, todos os grupos ficaram com médias altas, logicamente então os respondentes dão valores altos para benefícios ao mesmo tempo em que o fazem para as afirmativas de transmissão religiosa (TR). O mesmo para os grupos de VF e FN em relação às afirmativas de transmissão religiosa (TR), pois também tiveram notas altas para este público. Esses grupos tiveram as maiores quantidades de respondentes que selecionaram valores altos entre eles, por exemplo, 239 pessoas marcaram valores altos para VF e também para TR e 243 pessoas marcaram valores altos para BN e também para TR. Na Tabela 2 temos as respostas destes 4 grupos, divididas em “Alto”, que compreende quantas pessoas somaram nas respostas valores de 4 e/ou 5 para todas; “Médio” com soma para valores de 3 e “Fraco” para soma de valores abaixo de 3 em todas as afirmativas por grupo. Assim, ainda sem uma análise aprofundada de relação entre os grupos, podemos compreender que são fatores que caminham juntos na motivação dos respondentes em aderir, participar e transmitir a fé: os benefícios percebidos com a fé, a importância da fé para si e para a família, os fatores internos e a transmissão aos filhos.

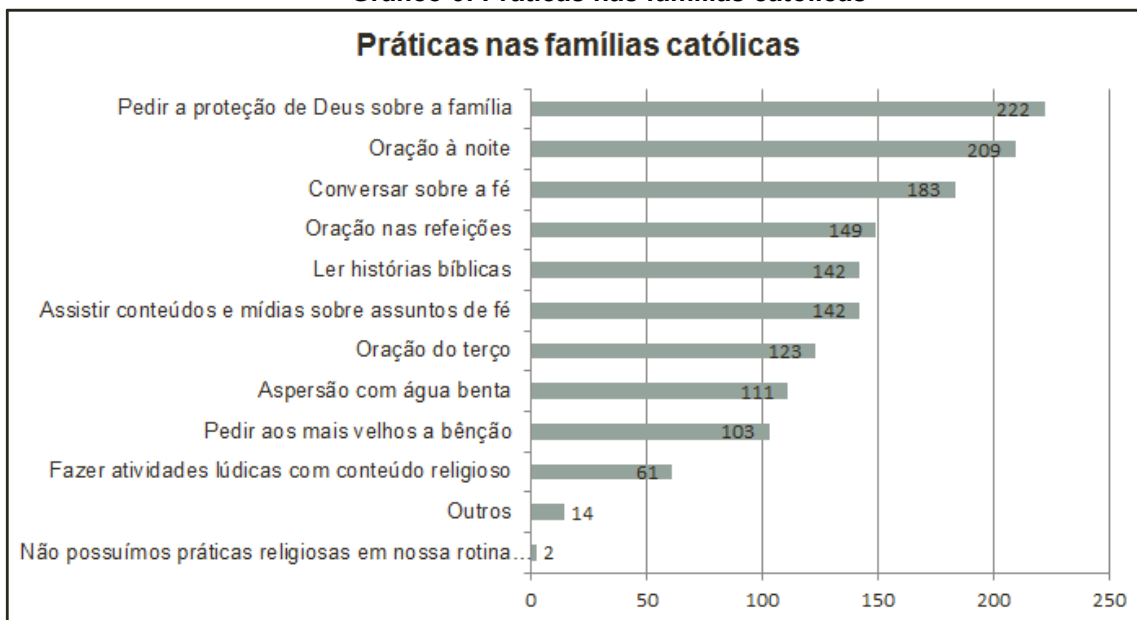
Tabela 2: Grupos de afirmativas por nível de respostas

Grupo	Alto	Médio	Fraco
BN	256	6	2
VF	250	10	4
FN	248	12	4
TR	244	16	4

Fonte: Elaborado pela autora.

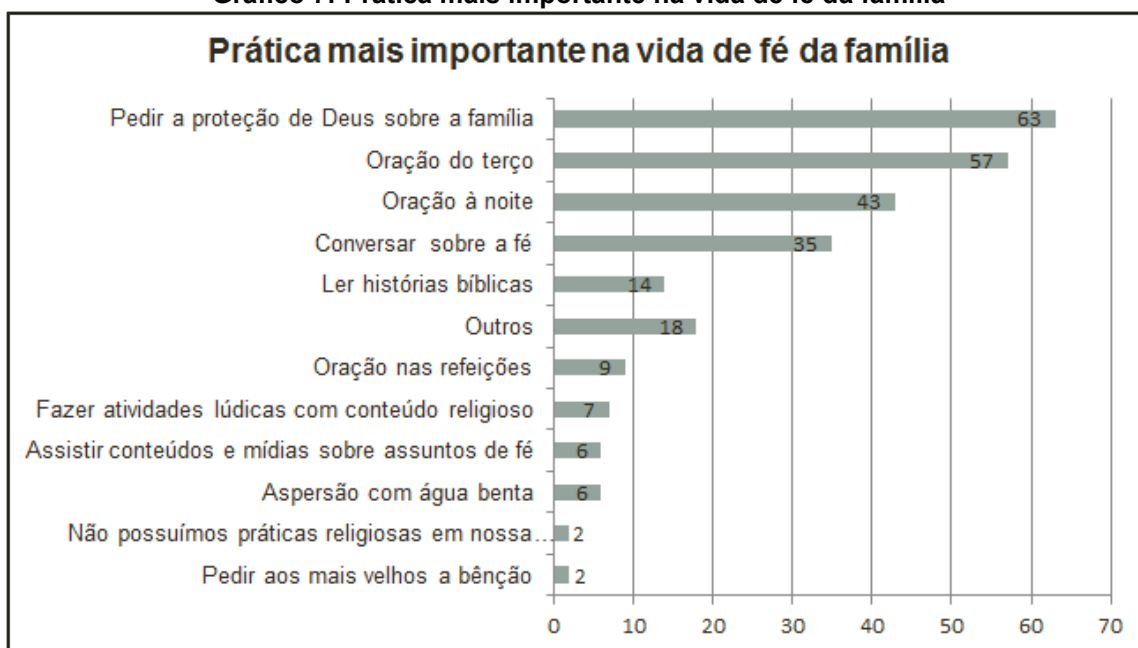
Considerando as práticas de fé que essas famílias possuem, o que recebeu mais respostas foi “pedir a proteção de Deus sobre a família”, o mesmo resultado que apareceu para o que as famílias consideram ser o mais importante dentre as suas práticas para a sua vida de fé, com 63 respostas (24%). Em segundo lugar do que mais é feito nas famílias católicas cujos pais participaram da pesquisa foi “oração à noite”, com 209 famílias e 43 delas acreditando ser o mais importante, o que faz cair para o terceiro lugar em importância. Já o terceiro lugar em prática, e segundo em importância (21,8%) é a “oração do terço”, presente em 123 famílias participantes, confirmando o discutido na análise das entrevistas que este representa uma prática de grande importância para a vida de fé católica.

Gráfico 6: Práticas nas famílias católicas



Fonte: Elaborado pela autora.

Gráfico 7: Prática mais importante na vida de fé da família



Fonte: Elaborado pela autora.

Sobre a prática considerada mais importante para a vida familiar de fé, alguns respondentes identificaram sendo a Missa ou o acompanhamento da Liturgia Diária, o que não estava contemplado nas opções do questionário, devido ser considerada mais como uma prática enquanto preceito para as famílias. O grupo “Outros” no gráfico, reunindo as demais respostas que não estavam listadas, também inclui ler sobre a vida de santos e escutar músicas católicas. Portanto, logo percebemos o papel importante de envolver os filhos e toda a família numa cultura de vida cristã católica, considerando que todo o envolvimento da criança contribui para a sua educação e influencia na sua adesão à fé.

Uma verificação desta votação das práticas consideradas mais importantes com a faixa etária dos filhos mostra que não há diferença entre o grupo daqueles com filhos crianças ou adolescentes para aqueles com filhos jovens ou adultos. Os respondentes, indiferentemente à idade dos filhos, responderam identificando as mesmas práticas como as mais importantes. Chama a atenção apenas a prática de “Fazer atividades lúdicas com conteúdo religioso” que teve 6 respondentes com filhos crianças e apenas 1 com filho jovem ou adulto. Este resultado sugere que essa prática é recente nas famílias católicas e que, para o grupo dos respondentes, não era muito usado na educação cristã há algum tempo atrás. Ou seja, podemos

ver atualmente que existem mais e/ou é mais difundido materiais lúdicos para a educação, ou ainda, que para a geração dos filhos adultos não era uma prática relevante entre as famílias cristãs, pelo menos considerando o escopo deste estudo.

Na tabela 3 abaixo podemos verificar tal resultado. Os itens em itálico são aqueles com escrita livre dos respondentes, sem estarem dispostos na múltipla escolha oferecida na questão. Nota-se que aparece novamente a questão do exemplo/testemunho dos pais como prática de fé importante diante dos filhos. Ainda, ressaltamos novamente que muitos respondentes adicionaram a participação na Missa e nos Sacramentos como a prática mais importante. Vale lembrar que este item foi tirado das práticas por ser considerado um preceito da religião, diferentemente de outras práticas que as famílias possuem dentro do ambiente familiar, sendo este o foco da questão explorada.

Tabela 3: Práticas por faixa etária dos filhos

TR10	Quantidade de filhos e faixa etária			
	Criança	Adulto	Crianças	Adultos
<i>A Santa Missa</i>				1
Aspersão com água benta	3			3
Assistir conteúdos e mídias sobre assuntos de fé	2		2	2
Conversar sobre a fé	9	2	15	9
<i>Dar exemplos. Contar fatos em que fomos protegidos e/ou abençoados.</i>	1			
<i>Estar inserido em algum grupo religioso</i>	1			
<i>Estudar a história da Igreja Católica e suas tradições</i>	1			
<i>Fazer atividades lúdicas com conteúdo religioso</i>	3	1	3	
<i>Frequentar missas.</i>	1			
<i>Ir a missa em família</i>			1	
<i>Ir a Missa sem falta</i>			1	
<i>Ir nas missas</i>	1			
Ler histórias bíblicas	7	1	2	4
<i>Missa dominical</i>	1			
<i>Não possuímos práticas religiosas em nossa rotina familiar</i>	1		1	
<i>O testemunho</i>		1		
Oração à noite	16		20	6
Oração do terço	23	2	20	12
Oração nas refeições	2		2	5
<i>Oracaopessoal</i>	1			
<i>Participação nas missas</i>				1
<i>Participar das missas e viver os sacramentos</i>	1			
Pedir a proteção de Deus sobre a família	12	4	32	15
Pedir aos mais velhos a bênção			1	1
<i>Santa Missa</i>			1	
<i>Testemunho de vida, amar, respeitar, acolher, rezar</i>				1
<i>Todas</i>	1			1
<i>Vivência sacramental</i>			1	
<i>(vazio)</i>			2	
Total Geral	87	11	104	61

Fonte: Elaborado pela autora.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após os precedentes estudos e análises, confirmamos, com o público participante, alguns resultados encontrados na literatura sobre a motivação em participar da Igreja e em transmitir a fé aos filhos. Em primeiro lugar, os pais realmente tomam como base para educar seus filhos a forma como foram educados e a sua história pessoal. Porém, ganhou maior ênfase, para o público estudado, uma visão mais negativa desta relação, no sentido de buscar fazer diferente dos seus pais, ou porque tem maiores conhecimentos, ou pela forma de transmitir, ou por questão cultural... Assim, os pais possuem o anseio de continuar a tradição religiosa na família com seus filhos, porém de uma forma diferente de como seus pais fizeram e, ainda, fazer isso para que os filhos queiram continuar dessa forma também em seu futuro, participando e transmitindo aos seus filhos, mantendo a fé como tradição.

Por outro lado, também confirmamos a literatura ao olhar para a realidade das famílias e perceber um processo de destradicionalização, onde a família perde a sua força no papel educador e transmissor da fé. Percebemos isso através das lembranças que os pais trazem de uma educação com viés negativo, e de certa forma mesmo repressiva, e também pelas respostas baixas nas afirmativas sobre a importância e a relevância da educação que receberam na infância para a vivência atual da fé enquanto adultos. Essa destradicionalização é marcada por uma descontinuidade no papel desempenhado pela família na educação religiosa, mas não como a perda da referência que é neste quesito, que continua existindo, mas de enfraquecimento do seu trabalho no dia a dia. Essa referência que permanece mostra que, ainda que os filhos trilhem o caminho de fé através de outro modo enquanto adultos, podem sempre lembrar de algo relacionado a sua família no que vivem.

Na realidade do público estudado, essa fraqueza familiar é suprida pelos grupos da Igreja, que acolhem, auxiliam na educação com o aprofundamento dos conhecimentos e promovem o sentido de comunidade. Através desse envolvimento mais ativo com atividades e serviços pastorais, os entrevistados fortalecem a sua fé e alimentam a participação religiosa.

Como vimos ao longo do trabalho, os benefícios percebidos com a fé são fatores que podem motivar os pais a participarem da Igreja e a transmitirem a fé aos filhos. Com os resultados obtidos – as menções nas entrevistas e os altos valores de concordância no questionário –, temos indicador para comparar a motivação dos pais participantes à orientação extrínseca, que é levada por fatores externos à fé em si mesma. Esses benefícios podem ser os valores morais para a vida dos filhos, paz e tranquilidade, esperança, segurança e proteção, amizades e apoio da comunidade, felicidade e união, entre outros.

Como já comentamos acima nas precedentes análises, também confirmamos ao longo do trabalho que a busca por valores é um dos porquês que levam os pais a ensinarem a fé aos filhos. Mesmo aqueles que não indicam um comprometimento com a religião concordam que a fé auxilia a ensinar os filhos a ter uma vida moral e baseada em valores. Não podemos dizer, com o material que coletamos aqui, se os pais buscam os valores por uma questão social, para que seus filhos sejam bons cidadãos na sociedade, por exemplo, ou se seria para poderem viver bem a fé, serem boas pessoas e cumprirem com o objetivo do ensinamento dos valores pela Igreja: a união com o próprio Deus. Atrelado a este fator temos que muitos pais reconhecem a fé como um guia para suas vidas, como uma luz no caminho. Através disso, os pais podem sentir-se orientados, tendo para onde apontar com suas ações, sendo ensinados durante as dificuldades para obterem aprendizados e crescerem como pessoas.

Por outro lado, também pudemos notar uma mescla com a orientação intrínseca, motivação mais interior para a fé, que busca a fé por si mesma, orientação identificada pelo relacionamento com Deus e o divino, que também recebeu valor alto no questionário. Assim, compreendemos que não há nos participantes uma fé puramente orientada extrinsecamente, ou orientada intrinsecamente, mas com uma motivação orientada de ambas as formas, com orientações misturadas em algum nível. Isto irá depender de cada pessoa, mas, ouse enfatizar, a maioria dos respondentes está mais para o lado da orientação extrínseca do *continuum*. Lembremos ainda que essa fé pode estar ligada à esperança de recompensa no Céu, na vida após a morte, o que faria os fiéis a aceitar mais custos na sua relação com Deus e com a Igreja, levando a uma maior motivação para viver a fé. Para os participantes, essa ideia de recompensa é

verdadeira, pois esperam que possam receber conforme os seus esforços e como viveram esta vida na terra.

Para a transmissão da fé aos filhos destacamos duas fortes relações com o tema que os pais levantaram: união da família e exemplo. A união familiar é o ambiente propício para que se dê uma educação aos filhos, especialmente a religiosa, e ao mesmo tempo também a fé, com os seus valores e ensinamentos, aumenta a união da família, ao passo que diminuem os conflitos e os membros passam mais tempo juntos. Já o exemplo é tido como “a última esperança” com os filhos, quando já são mais crescidos e o ensinamento dos pais pode já não ter mais receptividade. Percebemos que no fundo desta ideia, que foi praticamente unânime nos participantes de ambas as etapas da pesquisa, há a crença de que o exemplo seria suficiente, ou o principal meio, para que os filhos permaneçam com a fé. Alguns pais podem mesmo tranquilizar-se nos ensinamentos e práticas com os filhos, acreditando que basta dar-lhes o exemplo do comportamento que querem que tenham.

Por outro lado, também vimos que é essencial neste processo de transmissão o diálogo com as crianças e o tempo despendido com elas, pois a transmissão do comportamento da vida de fé e os valores são explicados e ensinados nos momentos diários da rotina e da convivência familiar.

Cabe ressaltar aqui que, conforme as entrevistas, aqueles pais que já participaram de grupos e de pastorais desejam mais fortemente que seus filhos sejam engajados e permaneçam participando da vida na comunidade religiosa. Fatores que influenciariam positivamente neste processo de transmissão seria o convívio com outras pessoas/famílias da mesma fé e as amizades que as crianças conhecem na Igreja desde cedo. E ainda, os serviços caritativos continuam sendo uma referência da Igreja, que seria o ambiente certo para ensinar os filhos a ajudar as outras pessoas.

Os pais também percebem o papel da Igreja como complementar ao seu na educação religiosa e moral dos filhos. Eles confiam no trabalho das pastorais e dos grupos em auxiliar e aprofundar a educação que recebem em casa, pois não possuem todo o conhecimento que sabem ser necessário para que os filhos conheçam e vivam bem a fé. Desta forma, podemos acrescentar que as famílias são abertas ao diálogo com a Igreja e às suas propostas de trabalho para que seja mais

eficaz o acolhimento do filho na fé e na comunidade religiosa, para que seu papel de pais educadores possa dar mais e melhores frutos.

Com as precedentes análises de entrevista e de questionário, podemos chegar a duas considerações sobre o dever atual da Igreja perante a fé na família e a transmissão da religião. Ambas, de forma alguma devem se contrapor uma a outra, ou devem ser tomadas como uma mais importante ou mais urgente que a outra, mas devem aludir a um trabalho conjunto nas comunidades. A primeira delas diz respeito ao trabalho dos grupos, que deve ser mantido e fortalecido pelo papel que cumpre com jovens e casais para fortalecimento da fé das gerações atual e anterior de jovens. A segunda trata sobre o fortalecimento mesmo das famílias, como figura, agente e local apropriado e privilegiado de educação cristã. De fato, a Igreja, como vimos, insiste que o principal transmissor da fé e dos valores católicos são os pais dentro do lar. Ora, o que está acontecendo para que aconteça o oposto nas comunidades? Ao invés de, enquanto visão administrativa, buscar aquilo que está sendo eficaz, e replicar o que dá certo (aludindo aqui ao chamado *benchmarking*), deve voltar à essência da questão e verificar as causas do seu afastamento, para que as ações pensadas e realizadas sejam alinhadas com aquela chamada *missão, visão e valores* (o que na Igreja se dá pelos ensinamentos evangélicos e a tradição do Magistério).

Portanto, o que a Igreja pode fazer diante disso? Deve fortalecer os grupos, pois são canais eficazes para a participação na comunidade e vivência da fé e também trabalhar mais efetivamente na formação, promoção e acompanhamento das famílias, dando subsídios aos pais, e auxiliar no que concerne à educação dos filhos nas suas diversas etapas. Assim, também é necessário trabalhar em duas frentes complementares, quais sejam: responder às expectativas das pessoas ao participarem da Igreja, aos benefícios que percebem e acolhendo a orientação extrínseca, mas também levando-as à plenitude da sua realização, na abertura ao transcendente e no encontro com Deus, levando as pessoas à caminharem em direção a uma orientação mais intrínseca.

Ainda que seja tarefa da Igreja conduzir as pessoas para uma religião mais intrínseca, no encontro com a fé voltada para o próprio com Deus e o divino, não é ruim que, como vimos acima na teoria e nos resultados, que ambas as dimensões (intrínseca e extrínseca) estejam ao mesmo tempo nas pessoas, visto que são de

certa forma complementares nas dimensões humanas (sentidos e interior). Além disso, é o próprio Jesus Cristo quem disse “pede e receberás” e a Igreja deve ser fonte onde as pessoas podem beber da saciedade que Deus oferece aos corações e às vidas.

Atenta a estas duas linhas de trabalho necessárias, e conhecendo mais profundamente os fiéis, seu público, a Igreja deve continuamente rever suas estratégias, lembrando que é uma organização humana em constante movimento. Vimos que, no que diz respeito ao estudo de comportamento do consumidor, os estudos de teologia dentro da Igreja convergem em grande parte com aqueles da psicologia e do marketing. Isto é propício para que a instituição se fortaleça e dê uma resposta eficaz diante da crise que percebe bater às suas portas.

Destacamos a importância da comunicação interna e externa, a fim de se obter uma organização e alinhamento dos esforços das comunidades, que são espalhados geograficamente pela própria natureza da Igreja. Também, a Igreja deve se mostrar atenta às boas práticas de gestão, se atualizando e mostrando transparências nas suas relações.

Mas, para isso, deve ter uma ação propositiva em continuar aprofundando os conhecimentos das pessoas engajadas e daquelas que ficam mais na periferia da fé. Para que seja possível manter a participação das famílias, deve corresponder aos anseios das pessoas que com ela se relacionam para estar presente em suas vidas, aproveitando o espaço que lhe é aberto. Diante disso, percebemos que o escopo deste trabalho não é suficiente para compreender de forma adequada o comportamento do público católico em relação à Igreja, pois também ele está em constante movimento no mundo.

Podemos relacionar a seguir alguns pontos que devem ser melhor investigados. Como vimos, os pais possuem as suas opiniões no que se refere à educação religiosa dos filhos. Mas, cada um desses fatores, como sabemos o que mais influenciou na vida de fé dos filhos? Cabe aqui um estudo com eles para testar e ver os resultados da educação conforme esses fatores que descrevemos no presente trabalho. Além disso, será interessante poder responder, destes fatores, qual teve mais eficácia no seu objetivo de fazer os filhos permanecerem na fé na fase jovem e adulta deles.

Além destes, outro ponto que pode ser explorado mais profundamente, por ser uma limitação deste trabalho, é identificar se esses temas estudados possuem alguma ligação entre si, por exemplo, se os benefícios da fé percebidos pelos pais influenciam nas formas que utilizam para transmitir a fé aos filhos.

Como vimos, os respondentes foram quase em totalidade participantes de grupos na Igreja, o que pode ter influenciado as médias altas nas respostas. Para um próximo estudo seria interessante buscar respondentes que não tenham este engajamento e que não sejam tão ativos na Igreja, como em grupos de pais em escolas e comunidades que possuem menos grupos e pastorais.

Por outro lado, também uma possibilidade de um novo estudo é aprofundar o entendimento sobre as pessoas que possuem uma orientação mais intrínseca, buscando responder se realmente participam mais e se aceitam mais os “custos” da participação na Igreja pela expectativa de recompensa do Céu que possuem. Além disso, como o papel da Igreja é encaminhar as pessoas para este aprofundamento na fé, podemos entender melhor quais os fatores que, durante a vida dessas pessoas, as influenciaram a passar de uma fé mais baseada em benefícios extrínsecos à própria fé para uma fé mais baseada no relacionamento pessoal com Deus.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO. **Confissões**. Petrópolis: Vozes, 1997.

ANTONIAZZI, Alberto. Por que o panorama religioso no Brasil mudou tanto? **Horizonte**, [s. l.], v. 3, n. 5, p. 13–39, 2004.

Anuário Pontifício 2017 revela os dados da Igreja no mundo. 2017. Disponível em: <<http://arqisp.org.br/anuario-pontificio-2017-revela-os-dados-da-igreja-no-mundo>>. Acesso em: 6 maio. 2019.

BADER, Christopher D.; DESMOND, Scott A. Do as I Say and as I Do: The effects of consistent parental beliefs and behaviours upon religious transmission. **Sociology of Religion**, [s. l.], v. 67, p. 313–329, 2006.

Bíblia Ave Maria. 2019. Disponível em: <<http://www.bibliacatolica.com.br/biblia-ave-maria/galatas/5/>>. Acesso em: 21 ago. 2019.

BLACKWELL, Roger D. et al. **Comportamento do consumidor**. São Paulo: Cengage Learning, 2009.

BRADEN, Charles S. Why people are religious: A study in religious motivation. **Journal of Bible and Religion**, [s. l.], v. 15, n. 1, p. 38–45, 1947.

Catecismo da Igreja Católica. Edição Típica Vaticana. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

CHEVROT, Georges. **As pequenas virtudes do lar**. 5ª ed. ed. São Paulo: Quadrante, 2015.

COHEN, Adam B. et al. Social versus individual motivation: Implications for normative definitions of religious orientation. **Personality and Social Psychology Review**, [s. l.], v. 9, n. 1, p. 48–61, 2005.

DONNINI, Débora; JOSÉ, Silvonei. **Aumentam os católicos no mundo. Diminui o número de sacerdotes**. 2019. Disponível em: <<https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2019-03/aumentam-catolicos-mundo-diminui-numero-sacerdotes.html>>. Acesso em: 6 maio. 2019.

FAUS, Francisco. **Para estar com Deus: conselhos da vida interior para um católico**. São Paulo: Cultor de Livros, 2012.

GOLLWITZER, Peter M.; OETTINGEN, Gabriele. Motivation: History of the concept. In: **International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences**. [s.l.] : Elsevier, 2001. p. 10109–10112.

GOLLWITZER, Peter M.; OETTINGEN, Gabriele. Motivation: History of the concept. In: **International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences**. 2nd. ed.

[s.l.] : Elsevier, 2015. v. 15p. 936–939.

GORSUCH, Richard L. Toward motivational theories of intrinsic religious commitment. **Journal for the Scientific Study of Religion**, [s. l.], p. 315–325, 1994.

INGERSOLL-DAYTON, Berit; KRAUSE, Neal; MORGAN, David. Religious trajectories and transitions over the life course. **The International Journal of Aging and Human Development**, [s. l.], v. 55, n. 1, p. 51–70, 2002.

JOÃO PAULO II. A solidão original do homem e a sua consciência de ser pessoa. . 24 out. 1979 a.

JOÃO PAULO II. Mediante a comunhão das pessoas o homem torna-se imagem de Deus. . 14 nov. 1979 b.

JOÃO PAULO II. O corpo não submetido ao espírito ameaça a unidade do homem-pessoa. . 28 maio 1980 a.

JOÃO PAULO II. Vida segundo a carne e justificação em Cristo. . 17 dez. 1980 b.

KAHOE, Richard D. Toward a task-centered Christianity. **Pastoral Psychology**, [s. l.], v. 25, n. 3, p. 197–207, 1977.

KAHOE, Richard D. The development of intrinsic and extrinsic religious orientations. **Journal for the Scientific Study of Religion**, [s. l.], v. 24, n. 4, p. 408–412, 1985.

KIRKPATRICK, Lee A.; HOOD JR, Ralph W. Intrinsic-extrinsic religious orientation: The boon or bane of contemporary psychology of religion? **Journal for the scientific study of religion**, [s. l.], p. 442–462, 1990.

KONINGS, Johan; DE MORI, Geraldo Luiz. A evolução da Igreja Católica no Brasil à luz de pesquisas recentes. **Horizonte**, [s. l.], v. 10, n. 28, p. 1208–1229, 2012.

KOTLER, Philip; KELLER, Kevin. **Administração de Marketing**. 14^a ed. São Paulo: Pearson, 2012.

LAVRIČ, Miran; FLERE, Sergej. Intrinsic religious orientation and religious rewards: An empirical evaluation of two approaches to religious motivation. **Rationality and Society**, [s. l.], v. 23, n. 2, p. 217–233, 2011.

MAFRA, Clara. Números e narrativas. **Debates do NER**, [s. l.], v. 2, n. 24, p. 13–25, 2013.

MANNING, Christel J. Unaffiliated parents and the religious training of their children. **Sociology of Religion**, [s. l.], v. 74, n. 2, p. 149–175, 2013.

MCCULLOUGH, Michael E. et al. The Varieties of Religious Development in Adulthood: A Longitudinal Investigation of Religion and Rational Choice. **Journal of Personality and Social Psychology**, [s. l.], v. 89, n. 1, p. 78–89, 2005.

Novo Hamburgo (Latin (or Roman) Diocese). 2018. Disponível em:

<<http://www.catholic-hierarchy.org/diocese/dnoha.html>>. Acesso em: 9 maio. 2019.

OLIVEIRA, Pedro Assis Ribeiro De. Pertença/Desafeição religiosa: recuperando antigo conceito para entender o catolicismo hoje. **Horizonte**, [s. l.], v. 10, n. 28, 2012. Disponível em:

<<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/4136>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

OLIVEIRA, Pedro Ribeiro De. AS RELIGIÕES NO CENSO 2010: UMA REFLEXÃO. **Debates do NER**, [s. l.], v. 2, n. 24, p. 99–107, 2013.

PAULO VI. **Gravissimum educationis**, 1965. Disponível em:

<http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_gravissimum-educationis_po.html>. Acesso em: 26 maio. 2019.

PIO XII. **Enciclica Mystici Corporis**, 1943. Disponível em:

<http://w2.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_29061943_mystici-corporis-christi.html>. Acesso em: 1 abr. 2019.

SALVI, Rodrigo Deusdará De; RITTNER, Mário Celso. Estratégias de fidelização do cliente católico: estudo para o desenvolvimento de escala de mensuração da fidelidade e sua relação com o grau de envolvimento pessoal aplicado aos fiéis de uma Diocese. [s. l.], n. XII SIMPEP, 2005. Disponível em:

<http://www.simpep.feb.unesp.br/anais/anais_12/copiar.php?arquivo=salvi_rd_estrat egias%20de%20fideli.pdf.pdf>. Acesso em: 7 abr. 2019.

SCHIFFMAN, Leon G.; KANUK, Leslie L. **Comportamento do Consumidor**. 9. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2015.

SKINNER, Burrhus Frederic. **Ciência e comportamento humano**. [s.l.] : Martins Fontes São Paulo, 2003. v. 10

STEIL, Carlos Alberto; TONIOL, Rodrigo Ferreira. O catolicismo e a Igreja Católica no Brasil à luz dos dados sobre religião no censo de 2010. **Debates do NER**, [s. l.], v. 14, n. 24, p. 223–243, 2013.

TEIXEIRA, Faustino. Os dados sobre religiões no Brasil em debate. **Debates do NER**, [s. l.], v. 2, n. 24, p. 77–84, 2013.

THIESSEN, Joel. Kids, You Make the Choice: Religious and Secular Socialization among Marginal Affiliates and Nonreligious Individuals. **Secularism and Nonreligion**, [s. l.], v. 5, p. 6, 2016.

TODOROV, João Cláudio; MOREIRA, Márcio Borges. O conceito de motivação na psicologia. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, [s. l.], v. 7, n. 1, p. 119–132, 2005.

WEST, Christopher. **Enchei estes corações: Deus, sexo e o anseio universal**. São Paulo: Cultor de Livros, 2018.

APÊNDICE A

Roteiro de entrevistas

1ª Parte: histórico dos respondentes

- Expliquem a adesão à religião. Vocês diriam que ocorreu um processo ou momento específico de conversão, quando perceberam o porque de seguir essa religião? Como aconteceu? Como foi a educação em casa em relação a fé?
- Como vocês acham que a criação que tiveram influenciou na forma como vocês lidam com a religião com seus filhos? Tem alguma coisa que gostariam de fazer com os filhos da mesma forma que seus pais fizeram?

2ª Parte: orientação religiosa

- Porque hoje vocês mantêm a fé e a participação na Igreja? (Podem ser benefícios materiais ou espirituais)
- Qual(is) vocês acreditam que é(são) a(s) maior(es) recompensa(s) em ser cristão?
- Como vocês acham que é(são) uma boa(s) maneira(s) de alimentar a fé católica?
- Quais são as expectativas para o futuro em viver a religião católica para a família de vocês?
- Como vocês se sentiriam (mais) engajados na comunidade religiosa? (Ou porque são engajados, caso sejam participantes mais frequentes)

3ª Parte: relacionamento familiar e educação religiosa

- Como vocês usam o tempo que têm juntos na família?
- Vocês possuem práticas cristãs dentro do ambiente familiar, algum hábito no dia a dia? Quais?
- De que forma é importante para sua família o contato e a vivência da religião católica?
- Como gostariam e/ou planejam educar seus filhos, transmitir, os valores cristãos e morais?
- Diante desse papel de pais e de educadores de vocês, qual é o papel que vocês vêem que a Igreja possui na educação dos filhos?

APÊNDICE B

Questionário

- Perguntas de filtro:

Você é católico(a)?

Você possui filho(s)?

- Introdutórias:

IA) Você é...

Solteiro / Casado / Viúvo / Divorciado

IB) Os filhos que possui são:

1 - Um filho(a) criança ou adolescente;

2 - Um filho(a) jovem adulto ou adulto;

3 - Dois ou mais filhos em sua maioria crianças ou adolescentes;

4 - Dois ou mais filhos em sua maioria jovens adultos ou adultos.

IC) Seus filhos, em sua maioria...

1 - São crianças pequenas, ainda não fizeram a catequese;

2 - Estão fazendo a catequese de eucaristia ou crisma neste ano;

3 - Já fizeram a catequese há pouco tempo;

4 - São mais velhos, fizeram a catequese há mais tempo;

5 - São mais velhos e não fizeram a catequese.

ID) Você participa ou já participou de algum grupo ou pastoral dentro da Igreja?

ECC, MCJ, Cursilho, Catequese, CLJ, ONDA, Girassol, Emaús, Grupos de oração e de terço, RCC, Pastoral familiar, do batismo ou de noivos, Não participo, Outros.

- Afirmativas:

a) Benefícios (BN)

1. Sinto que recebo paz e tranquilidade da fé católica

2. Sinto que a fé é um guia, uma luz para mim e minha família

3. Percebo que a fé me ajuda a ter aprendizados nas diversas situações da vida

4. São importantes para mim as amizades e o convívio com outras pessoas da fé
5. É importante para mim a ajuda e o apoio que recebo da comunidade de fé
6. A fé me ajuda a ter esperança
7. A fé me ajuda a ter proteção e a sentir minha família mais segura
8. Participar da Igreja me faz sentir-me bem
9. Sinto que viver a fé em minha vida me deixa feliz

b) Importância na vida familiar (VF)

1. É importante para mim que meus filhos conheçam a fé
2. É importante para mim levar meus filhos à Igreja
3. É importante para a vida dos meus filhos que eles participem da Igreja
4. Acredito que minha família vai ser melhor se vivermos mais a religião
5. Sinto que minha família vai ser melhor se eu educar meus filhos na fé cristã
6. Quero que meus filhos aprendam valores
7. Quero que meus filhos sejam comprometidos com uma vida cristã católica
8. É importante para a minha família partilhar momentos e experiências com outras famílias da nossa fé

c) Situações que possam gerar mais motivação e/ou engajamento (SM)

1. Incentivo meus filhos a participar das atividades da Igreja
2. Participo junto com meus filhos das suas atividades na Igreja
3. Percebo que transmitir a fé aos meus filhos traz a união da família
4. Percebo que a união da família ajuda a educar os filhos na fé
5. Percebo que minha participação e da minha família na fé e na igreja ajuda positivamente na vida de outras pessoas
6. Percebo que minha participação e da minha família na fé e na igreja é indiferente na vida de outras pessoas
7. Me sinto bem quando ajudo outras pessoas
8. Me sinto bem quando ajudo na minha comunidade da Igreja
9. Se estou engajado em alguma atividade na Igreja, me sinto com mais vontade de participar
10. Me sinto mais motivado na fé por estar inserido em algum grupo

11. Tenho mais vontade de participar da Igreja quando me sinto acolhido e pertencente à comunidade
12. Me sinto melhor na igreja quando encontro lá pessoas amigas
13. A pessoa do padre é importante para que eu goste de participar da comunidade de fé
14. É mais fácil ensinar a fé aos meus filhos quando eles têm atividades dentro da comunidade religiosa (catequese, grupos...)
15. Eu acredito que é melhor para meus filhos aprenderem a doutrina com a comunidade de fé

d) Estímulos externos (FX)

1. Minha adesão à fé foi através da minha família
2. Minha vontade em participar da Igreja veio através da educação que recebi na família
3. Eu concordo com a forma na qual fui educado na religião em minha família
4. quando jovem
5. A forma como meus pais transmitiram a fé foi suficiente para eu continuar participando da Igreja na vida adulta
6. A educação religiosa que eu tive influencia a educação que dou para meus filhos
7. O que aprendi com meus pais relacionado à fé tento passar para meus filhos

e) Estímulos internos (FN)

1. Sinto que no final da minha vida serei recompensado por meus esforços na terra
2. Tento ter um relacionamento com Deus no meu dia a dia
3. Me sinto comprometido com a minha fé
4. Sinto a presença de Deus comigo
5. Sinto que o relacionamento com Deus transformou a minha vida
6. Sinto que a fé dá sentido para a minha vida
7. Quanto mais aprendo sobre a fé católica, mais me sinto próximo de Deus
8. Fico feliz em seguir os mandamentos de Deus

f) Transmissão / educação dos filhos TR

1. É importante para mim que eu consiga transmitir a fé para meus filhos
2. É importante para mim que minha família tenha presente a fé na sua rotina
3. Gostaria que meus filhos continuassem a participar da Igreja no futuro quando adultos
4. Percebo que é importante para a educação de meus filhos o exemplo que eu dou
5. Cuido de meu comportamento religioso para que meus filhos façam como eu
6. Converso com meus filhos sobre o que pertence e o que significa a nossa fé católica
7. Para transmitir a minha fé, preciso despende tempo com meus filhos
8. Sinto que tenho responsabilidade se meu filho praticar ou não a fé no futuro
9. Dentre as práticas de fé que temos, ou já tivemos, em nossa casa estão
(marcar até 5)

Oração à noite, oração nas refeições, oração do terço, pedir a proteção de Deus, pedir a bênção aos mais velhos, aspersão com água benta, conversar sobre a fé, assistir conteúdos e mídia sobre assuntos de fé, ler histórias bíblicas, fazer atividades lúdicas com conteúdo religioso, outra, não possuímos práticas religiosas em nossa rotina familiar.

10. Qual você acredita que é a prática mais importante para a vida de fé da sua família?